

TRAIÇÃO — ou — SACRIFÍCIO?



FLÁVIO DELLAZZANA

Dedicatória

Dedico este livro a todos aqueles que a História não soube compreender.

Aos que atravessaram os séculos com nomes feridos, memórias desfiguradas e culpas, por vezes, maiores do que seus próprios gestos.

Aos que foram chamados de traidores, rebeldes, caídos, loucos, hereges ou inúteis, antes que alguém tivesse a coragem de escutar-lhes a alma.

Que, ao menos nestas páginas, ainda que por breves instantes, seus nomes sejam erguidos do pó, lavados do escárnio e devolvidos à luz.

Assim como o meu... um dia... também foi.

ÍNDICE

Nota do Autor.....	05
Prólogo.....	09
Lúcifer.....	11
Herdeiros da Queda.....	21
Evangelho Apócrifo de Enosh.....	25
Adão e Eva.....	31
A Escolha.....	37
Judas Iscariotes.....	41
Evangelho segundo Mateus.....	55
Os Nomes e as Sombras.....	59
Ephialtes das Termópilas.....	65
As Lendas da Queda.....	73
Esquin de Floyrac.....	79
Reescrevendo a História.....	85
A Fogueira.....	93
Contraponto.....	99
Somente Trevas.....	107
O Resgate.....	115
Os Portadores da Chama.....	119
Tarde Demais.....	125
O Que Faremos da Luz?	131
Bibliografia.....	139
O Autor.....	143



Nota do Autor

Esta obra não se fundamenta na tradição canônica, nem pretende reconstituir os acontecimentos segundo a ortodoxia dos textos sagrados, dos registros históricos estabelecidos ou das interpretações dominantes.

Nasce no espaço delicado entre a história, o mito, o símbolo e a reflexão. Não se apresenta como verdade definitiva, nem deseja substituir a investigação histórica por uma narrativa alternativa. Propõe somente uma hipótese literária, filosófica e iniciática: interrogar nomes que a memória dos homens condenou antes de escutar.

Não escrevo para ter razão. Escrevo para interrogar.

Ao longo destas páginas, personagens consagrados pela tradição como traidores, rebeldes, caídos, malditos, visionários ou incompreendidos serão observados por outro ângulo.

Não para absolver o mal, nem para justificar crimes. Há quedas que são somente trevas. Há traições que não escondem mistério algum.

Há maldades que devem ser condenadas sem metáfora, sem atenuante e sem romantização.

Mas talvez existam também quedas que revelam. Transgressões que abrem caminhos. Nomes lançados à sombra para que outros permanecessem iluminados.

É nesse campo de tensão que este livro se move.

Entre as fontes que inspiram esta reflexão encontram-se o chamado *Evangelho de Judas*, os escritos gnósticos reunidos na Biblioteca de Nag Hammadi, textos apócrifos do cristianismo primitivo, narrativas bíblicas, mitos antigos, obras da literatura clássica, estudos históricos, tradições simbólicas e leituras iniciáticas sobre o papel da queda, do erro, da dor e da transgressão.

Soma-se a isso um diálogo com correntes filosóficas, religiosas, maçônicas e espirituais que buscaram enxergar, sob a superfície dos acontecimentos, não somente o fato, mas também sua ressonância moral e simbólica.

A história raramente é neutra. Aquilo que sobrevive como versão dominante nem sempre esgota o sentido dos acontecimentos.

Os vencedores erguem monumentos. Os vencidos deixam ruínas. Os heróis recebem cânticos. Os traidores, muitas vezes, recebem silêncio, deformação ou escárnio.

Mas entre a glória e a infâmia existe uma região mais difícil.

O leitor não encontrará nestas páginas uma tentativa de reescrever a história como certeza. Encontrará uma travessia.

Uma meditação sobre os nomes que a humanidade condenou, temeu, esqueceu ou só reconheceu tarde demais.

Uma pergunta lançada sobre a memória dos homens: quantos foram realmente monstros, quantos foram somente incompreendidos, e quantos carregaram um papel que ninguém mais suportaria carregar?

Que o leitor avance, portanto, não em busca de respostas fáceis, mas de **profundidade**.



Prólogo

Nem toda queda é um erro.

Algumas são exigidas.

Nem todo traidor escolhe trair.

Alguns carregavam uma missão.

Há nomes que atravessam os séculos como portadores
de um fardo que o mundo recusou compreender.



Lúcifer

“Eu vi Lúcifer cair do céu como um relâmpago.” Lucas 10:18

Assim ele chegou até nós: não como mártir da luz, nem como herói incompreendido, mas como o grande réu da criação. O primeiro rebelde. A inteligência que, tendo recebido esplendor, curvou-se sobre si mesma até transformar altura em abismo.

A tradição não o apresentou como vítima, mas como origem da soberba. Não como libertador, mas como sedutor. Não como portador da luz, mas como sua falsificação.

E talvez seja necessário que assim seja.

Porque há nomes que não suportariam ser tratados com leveza. Há sombras que, se forem tocadas sem temor, devoram a mão que as toca. Antes de perguntar pelo mistério, é preciso reconhecer a queda. Antes de procurar o símbolo, é preciso encarar a sentença.

“Foi precipitada a antiga serpente, chamada Lúcifer, sedutor de toda a terra habitada.” Apocalipse 12:9

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva!” Isaías 14:12

A frase atravessou os séculos como condenação. Embora o texto de Isaías falasse originalmente contra um rei terreno, a imaginação cristã viu ali mais que a ruína de um soberano. Viu uma queda anterior. Viu o instante em que uma criatura, tendo recebido brilho, confundiu reflexo com origem.

Lúcifer, de lux ferre: portador da luz.

O planeta Vênus, ao amanhecer, é a *estrela da manhã*. No hebraico de Isaías, *helel ben shachar* pode ser compreendido como *filho da aurora*.

Mas nenhum nome é inocente quando atravessa milênios.

Antes de cair, ele não era trevas.

Era luz. Não a luz primeira. Não a fonte. Não o centro. Mas uma luz alta, intensa, quase perigosa de tão próxima do fulgor. Entre os formados antes do tempo dos homens, era daqueles que não somente contemplavam o brilho: conduziam-no.

Por isso foi chamado portador.

Não porque fosse origem, mas porque carregava. Não porque fosse sol, mas porque anunciava. Não porque fosse Deus, mas porque refletia.

E talvez tenha sido aí que o mistério começou.

Pois toda luz refletida carrega uma tentação: esquecer que não nasce de si mesma.

Nele não havia sombra. Nada sai imperfeito das mãos do Criador. Se lhe foi dada altura, a altura tinha lugar na ordem. Se lhe foi dado esplendor, o esplendor servia a um desígnio. Mas há dons que são também fardos. Há coroas que, vistas de longe, parecem glória; vistas de perto, revelam o peso de uma missão que nenhuma criatura escolheria.

E, se a voz do Criador anterior ao tempo pudesse ser ouvida, talvez não soasse como condenação, mas como pressentimento:

“Separei uma luz antes do dia. Não para ser o sol, mas para anunciá-lo.

Não para ocupar o centro, mas para abrir caminho.

Não para possuir a claridade, mas para carregá-la até onde a claridade ainda não chegava.

Dei-lhe altura, porque um dia a altura conheceria a vertigem.

Dei-lhe esplendor, porque somente uma grande luz poderia revelar a sombra.

E nele depositei mais que brilho: depositei o peso do contraste.

Pois os homens conheceriam o bem como herança, mas talvez não o compreenderiam sem aquilo que o nega.

Receberiam a luz, mas não saberiam seu valor sem a ferida da escuridão.

Herdariam a obediência, mas ignorariam seu preço sem a vertigem da ruptura.

Por isso, entre todos, fiz dele o mais luminoso.

Porque somente o que muito brilhou poderia atravessar sombra bastante para que o mistério se revelasse.

Não o criei para ser erro. Criei-o para ser passagem."

E então houve silêncio.

Não silêncio de paz. Silêncio de abismo.

Pois talvez, antes mesmo que os homens respirassem sobre a terra, já houvesse nele uma noite guardada. Não uma noite nascida da imperfeição, mas uma noite oculta no excesso de luz.

“Sem tua queda, não se cumprirá o mistério”

Compreender não é consentir.

Pela primeira vez, aquele que refletia a luz não a devolveu em silêncio.

Houve nele recuo. Não de ignorância. Não ainda de ódio. Mas de recusa. *“Não é para isso que fui criado.”*

E talvez fosse verdade.

Tudo nele foi formado para subir, não para descer. Para anunciar, não para obscurecer. Para conduzir, não para ferir.

Diante do que lhe era mostrado, não viu grandeza. Viu ruína. Viu medo. Viu o homem ainda inexistente já tremendo diante da própria sombra. Viu a dor entrar onde antes havia somente manhã.

E a luz que nele habitava, pela primeira vez, voltou-se contra aquilo que a havia enviado.

Não como rebelião completa. Ainda não. Mas como resistência.

“Se é preciso que o mundo conheça a sombra, que outro a carregue.”

Nenhuma resposta veio depressa. Porque o Eterno não se apressa diante daquilo que as criaturas ainda não suportam compreender.

Então a pergunta o atravessou como um choque antigo: por que a Fonte de toda luz criaria outra luz tão intensa?

Para que serviria tamanho esplendor, se não houvesse nele uma função mais profunda que o brilho?

A revelação não o consolou. Feriu-o. Ele não fora criado somente para permanecer na luz, mas para que, mesmo descendo às trevas, algo da luz ainda restasse nelas. E isso era pior que condenação.

Porque a condenação ao menos permite revolta. A missão exige silêncio. Ainda assim, resistiu.

Não por orgulho somente, embora talvez o orgulho já tocasse a borda de sua alma. Resistiu porque sabia o que seria feito de seu nome.

Os homens não veriam função. Veriam culpa.

Não veriam serviço. Veriam queda. Não veriam mistério. Veriam condenação. E talvez estivessem certos.

Talvez nenhuma criatura atravessasse a sombra sem ser, de algum modo, transformada por ela.

Tentou afastar-se. Tentou permanecer onde ainda era inteiro. Tentou recusar aquilo que lhe fora confiado.

Mas há recusas que não interrompem o destino: somente lhe dão forma.

Ao tentar evitar o abismo, inclinou-se para ele.

Ao tentar preservar a luz, rompeu sua posição nela.

Ao tentar não descer, deu o primeiro passo da descida.

E então compreendeu, tarde demais para permanecer, que sua resistência não impedia o mistério. Participava dele.

A queda já não era ordem. Era movimento.

Já não era palavra. Era fato.

E, entre aquilo que ainda era e aquilo que já não poderia deixar de ser, a verdade permaneceu imóvel: *Sem tua queda, não se cumprirá o mistério.*

Desta vez, ele não respondeu, porque talvez já não houvesse resposta possível para aquele que, tendo sido luz, começava a conhecer o peso da sombra.

E assim desceu.

Não como quem compreende tudo. Não como quem aceita em paz. Mas como quem atravessa o ponto no qual a luz já não pode voltar sem levar consigo a marca da noite.

E, desde então, seu nome passou a carregar aquilo que os homens mais temem reconhecer: que nem toda treva nasce longe da luz. Algumas começam perto demais dela.

João 1:5 “E a luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a compreenderam.”







Herdeiros da Queda

Aquilo que desceu com ele não permaneceu distante. Não habitou somente os abismos invisíveis, nem ficou restrito ao que os homens chamariam de inferno.

Quando o homem abriu os olhos para o mundo, já havia nele uma fissura. Não bastante para destruí-lo, mas suficiente para dividi-lo.

Desde então, algo no homem passou a repetir, em menor escala, o movimento antigo.

Tentava evitar aquilo que temia e, ao evitá-lo, aproximava-se dele. Tentava preservar-se e, ao preservar-se, perdia algo de si. Buscava somente a luz que consola e se afastava da luz que revela.

Assim, a queda deixou de ser um acontecimento. Tornou-se uma inclinação.

Não somente no alto. Não somente no princípio. Mas no homem.

Porque é mais fácil culpar aquilo que vem de fora do que reconhecer aquilo que nasce por dentro. É mais fácil nomear um adversário do que admitir um reflexo.

E o nome daquele que desceu permaneceu carregado de culpa, enquanto os homens, repetindo seu movimento, chamavam de fraqueza aquilo que muitas vezes era medo de enfrentar o que lhes fora colocado diante.

Sempre que o homem recuava diante do inevitável, avançava em direção a ele.

Sempre que fugia da própria sombra, dava-lhe forma.

Sempre que negava a queda, começava a cair.

E então, no silêncio onde já não havia acusação nem defesa, somente compreensão, uma verdade se assentou sem necessidade de voz:

A queda nunca foi de um só. E talvez nunca tenha sido somente erro.

A queda não começou com Lúcifer.

E não termina no homem.





Evangelho Apócrifo de Enosh

***Este é o relato de Enosh. Não do homem que foi criado,
mas do homem que despertou.***

O Primeiro Movimento:

Antes de haver céu, terra, homem ou palavra, Deus abriu o Tempo.

E o Tempo não era ainda contagem, nem dia, nem noite, nem idade.

Era apenas a possibilidade de que algo pudesse deixar de ser imóvel.

Pois onde nada muda, nada nasce. E onde nada nasce, até a perfeição permanece estéril.

No primeiro movimento, Deus criou o Tempo, e com ele criou a duração, a espera, o amadurecimento e a perda.

No segundo movimento, Deus criou o Espaço.

E o Espaço não era vazio. Era distância. Era separação.

Era o intervalo sagrado entre uma coisa e outra. Antes dele, tudo estava recolhido no mesmo mistério. Depois dele, pôde haver alto e baixo, dentro e fora, perto e longe, eu e tu.

No terceiro movimento, Deus criou a Dualidade.

E não a criou como guerra, mas como tensão fecunda.

Criou luz e sombra, silêncio e som, repouso e movimento, macho e fêmea, homem e mulher. Pois nada gera sozinho. Nada se completa fechado em si mesmo. Toda vida precisa de sua outra metade, não como serva, nem como senhor, mas como espelho, limite e complemento.

No quarto movimento, Deus criou a Energia.

E a Energia foi o sopro que atravessou o invisível. Foi o fogo secreto das coisas, aquilo que move, anima, sustenta e transforma. Sem ela, a matéria seria túmulo antes de ser corpo.

No quinto movimento, Deus criou a Matéria.

E a Matéria recebeu forma, peso, medida e resistência. Por ela, o invisível pôde tocar o visível. Por ela, o espírito encontrou casa.

Por ela, tudo o que era potência começou a construir, crescer, cair, recompor-se e evoluir.

No sexto movimento, Deus criou a Vida.

Mas a Vida não foi criada fora dos princípios anteriores. Ela nasceu submetida ao Tempo, pois tudo que vive tem duração limitada. Nasceu situada no Espaço, pois todo ser habita algum lugar. Nasceu marcada pela Dualidade, pois a geração exige encontro, diferença e união. Nasceu animada pela Energia, pois o corpo sem sopro é barro imóvel. Nasceu vestida de Matéria, pois toda vida precisa de forma para caminhar no mundo.

E então a Vida recebeu o poder de gerar descendentes.

Não apenas de existir, mas de continuar.

No sétimo movimento, Deus criou a Consciência.

E a Consciência foi mais terrível que a Vida.

Porque viver é respirar, alimentar-se, desejar e multiplicar-se.

Mas ter consciência é saber que se vive.

É perceber a própria nudez diante do mundo.

É reconhecer o outro não como coisa, mas como mistério; é saber que há morte, dor, escolha, culpa, amor e memória.

Então a criatura deixou de ser apenas criatura.

Tornou-se testemunha.

E Deus viu que a Consciência era perigosa, porque nela nasceria a dúvida.

Mas viu também que sem ela não haveria oração, nem amor verdadeiro, nem liberdade, nem retorno.

Pois somente aquele que se percebe distante pode desejar voltar.

E assim, no sétimo movimento, Deus não terminou a criação.

Ele a entregou ao homem e à mulher.

Porque, depois da Consciência, a obra divina já não poderia continuar sem a participação daqueles que saberiam sofrer, amar, gerar, errar, lembrar e procurar novamente o Criador.





Adão e Eva

Não foram traidores. Foram escolhidos para sangrar primeiro.

Antes deles, o mundo era belo, mas não era humano, havia rios, árvores, frutos, animais e luz.

Havia abundância. Havia ordem.

Havia Deus respirando em cada coisa criada.

Mas não havia ainda história, e o jardim era perfeito demais para conhecer saudade e puro demais para conhecer nascimento.

Era eterno demais para conhecer amor.

Porque o amor, para existir entre os homens, precisava do tempo, e o tempo só entraria no mundo pela ferida.

Eva sentiu isso antes de Adão e não porque fosse fraca ou culpada e com certeza não porque carregasse em si a semente da corrupção, como diriam depois os que temeram a mulher e precisaram diminuí-la para suportar sua força.

Eva sentiu primeiro porque nela a criação escutava mais fundo e havia em seu corpo uma sabedoria que não vinha da palavra, mas do mistério.

A terra também sabe antes da semente.

A noite também sabe antes da aurora.

O ventre também sabe antes do filho.

Adão contemplava o jardim. Eva pressentia o mundo.

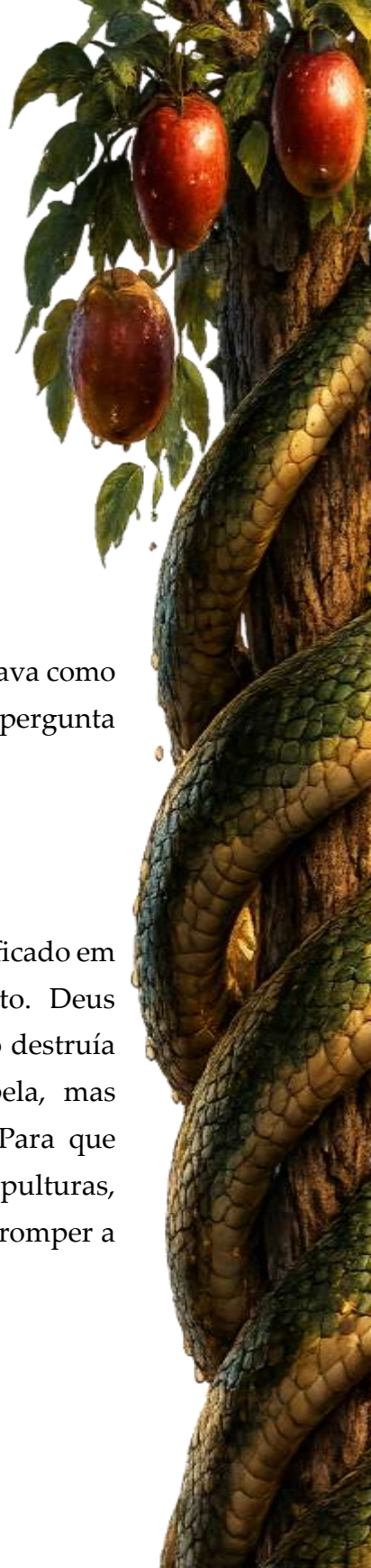
A árvore não a chamava como tentação.

Chamava-a como destino. O fruto não brilhava como pecado. Pesava como uma pergunta. E toda pergunta verdadeira já é uma porta aberta.

Ela estendeu a mão.

Naquele instante, talvez o céu inteiro tenha ficado em silêncio. Não por medo. Por reconhecimento. Deus sabia. Deus sempre soubera. Aquele gesto não destruía a Criação; completava-a. A inocência era bela, mas estéril. A eternidade era pura, mas imóvel. Para que houvesse filhos, memória, linguagem, sepulturas, cidades, lágrimas e orações, alguém precisava romper a quietude do paraíso.

Eva colheu o fruto. E não foi queda.



Quando Adão a viu, encontrou uma mulher atravessada por uma luz distinta e em seus olhos algo que o jardim não possuía: distância.

Havia em seu silêncio algo que os animais não conheciam: destino.

E ele compreendeu, sem palavras, que ela não o chamava para a desobediência. Chamava-o para a humanidade.

Adão não foi arrastado, foi ao encontro dela, porque nenhuma metade permanece inteira quando a outra atravessa o abismo.

Tudo ficou mais pesado, mais belo e mortal e então viram estarem nus. Mas a nudez não era vergonha vulgar. E

Antes, seus corpos pertenciam ao jardim, e agora pertenciam um ao outro, ao futuro, à vida que ainda não existia e já os chamava pelo sangue.

Entre eles nasceu uma distância sagrada, e nessa distância nasceu o amor humano.

Havia a primeira consciência de que o outro não é posse, nem sombra, nem simples companhia, mas mistério e todo mistério exige reverência.

Depois viriam os acusadores. Viriam os intérpretes do medo.

Viriam os que transformariam Eva em culpa, a mulher em perigo, o desejo em sujeira, o corpo em vergonha.

Viriam os que diriam que ela nasceu menor, retirada do homem, feita para servi-lo.

Mas isso é leitura de poder, não de eternidade.

Na ordem profunda da natureza, nada nasce inteiro sem sua outra metade. O céu precisa da terra. A semente precisa do ventre. A palavra precisa do silêncio.

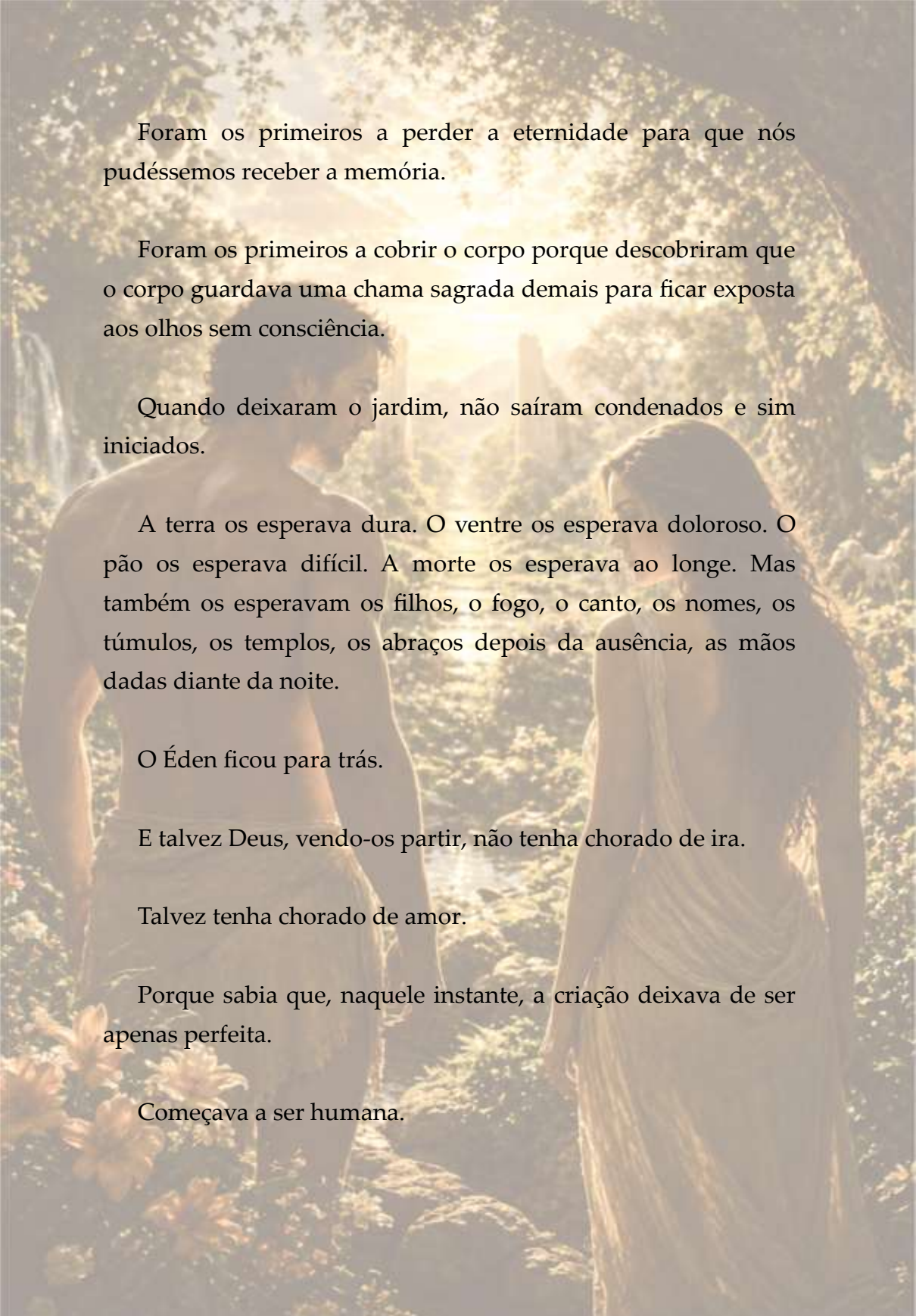
O homem precisa da mulher, não como senhora nem serva, mas como parte de si.

Adão e Eva não traíram a humanidade. Eles a fundaram.

Deixaram o paraíso para que seus filhos tivessem o mundo.

Muitos anos mais tarde, dirão que eles escolheram, mas a verdade é que só seguiram os passos e o destino que Deus escrevera para eles.

Foram os primeiros a conhecer a dor para que nós pudéssemos conhecer o amor.

A romantic scene of a man and a woman in a garden at sunset. The man is on the left, shirtless, looking towards the woman on the right. The woman is wearing a long, flowing dress and is looking back at him. They are standing in a lush garden with many flowers and trees. The sun is setting in the background, creating a warm, golden glow. The overall mood is romantic and serene.

Foram os primeiros a perder a eternidade para que nós
pudéssemos receber a memória.

Foram os primeiros a cobrir o corpo porque descobriram que
o corpo guardava uma chama sagrada demais para ficar exposta
aos olhos sem consciência.

Quando deixaram o jardim, não saíram condenados e sim
iniciados.

A terra os esperava dura. O ventre os esperava doloroso. O
pão os esperava difícil. A morte os esperava ao longe. Mas
também os esperavam os filhos, o fogo, o canto, os nomes, os
túmulos, os templos, os abraços depois da ausência, as mãos
dadas diante da noite.

O Éden ficou para trás.

E talvez Deus, vendo-os partir, não tenha chorado de ira.

Talvez tenha chorado de amor.

Porque sabia que, naquele instante, a criação deixava de ser
apenas perfeita.

Começava a ser humana.



A Escolha

Se existe destino, ainda existe escolha?

Se o futuro já está inscrito, somos nós que construímos o presente, ou somente despertamos em passos que já vinham sendo dados?

Nossas decisões alteram o que virá, ou somente revelam a forma como atravessamos aquilo que nos esperava?

Talvez a pergunta mais difícil não seja o que escolhemos.

Mas se, de fato, poderíamos não escolher.

Há momentos em que o homem acredita decidir. Ele se lembra deles com nitidez, como se ali estivesse concentrado todo o peso de sua existência. Volta a esses instantes em pensamento, procura o ponto exato em que poderia ter feito diferente, imagina outro gesto, outra palavra, outra fuga.

Mas raramente se pergunta se havia realmente outro caminho.

Talvez a escolha não seja uma porta aberta diante do homem.

Talvez seja uma porta que já começou a se abrir dentro dele.

Antes da mão tocar a maçaneta, algo já se moveu. Antes da palavra ser dita, algo já se formou no silêncio. Antes do beijo, antes da queda, antes da travessia, há um instante invisível no qual a alma reconhece aquilo que ainda tenta negar.

Lúcifer resistiu, e sua resistência tornou-se queda.

Adão e Eva atravessaram a fronteira, e sua travessia tornou-se humanidade.

Talvez a escolha seja isto: o instante em que a consciência alcança um movimento que já vinha sendo feito.

Isso não absolve o homem. Somente torna sua culpa mais profunda. Porque, se ele não cria sozinho o abismo, ainda assim é com seus pés que o atravessa.

Se não inventa sozinho à noite, ainda assim é com seus olhos que aprende a vê-la. Se não escreve sozinho o destino, ainda assim é com sua carne que assina a página.

Talvez o peso não esteja somente em poder ter feito diferente, mas em ter sido o lugar onde algo maior encontrou passagem.

E há homens que não são lembrados pelo que quiseram.

São lembrados pelo que suportaram realizar.

Homens em quem o mundo encostou sua engrenagem mais escura. Homens que, por um instante, foram menos indivíduos do que passagem.

Menos vontade do que lâmina. Menos nome do que ferida.

E entre todos os que caminharam acreditando escolher, nenhum carregaria esse peso como aquele que ainda viria: *o homem que permaneceu quando sua alma gritava para fugir, e beijou quando tudo nele suplicava recuar.*





Judas Iscariotes

Antes que o mundo o chamasse de traidor, Judas tinha um lugar entre eles.

Não era o mais próximo. Nem o mais distante. Mas estava ali desde cedo, caminhando ao lado dos outros, ouvindo as mesmas palavras, vendo os mesmos gestos que, lentamente, deixavam de parecer extraordinários para se tornarem parte da vida.

Naquela noite, Jerusalém tinha o peso das cidades que pressentem o sangue.

As casas estavam acesas por dentro. Das ruas estreitas subiam vozes, passos, rumores de festa, cheiro de pão partido e vinho derramado. Mas havia no ar outra coisa, mais baixa, mais antiga, como se a própria pedra da cidade guardasse uma respiração difícil.

Judas caminhava atrás dos outros.

Via Pedro falar alto demais para esconder o medo. Via João perto de Jesus, quieto, quase infantil em sua devoção. Via os demais tentando conservar a normalidade de uma noite que já havia perdido toda aparência de noite comum.

Jesus caminhava adiante. Mais lento e não por fraqueza, mas como quem pisa em algo que os outros ainda não viam.

Judas conhecia aquele silêncio. Conhecia-o melhor do que desejava admitir. Havia silêncios em Jesus que acolhiam, outros que esperavam, outros que ensinavam sem palavra. Mas aquele era diferente. Não esperava nada. Já sabia.

Foi então que Jesus se voltou. Não chamou. Somente olhou.

E Judas entendeu que certas convocações não precisam de nome.

Seguiu-o por uma passagem estreita, longe das vozes. A luz das tochas ficava para trás, quebrada pelas paredes. O som da cidade tornou-se mais espesso, depois distante. Restaram a noite, a pedra, o rumor de seus próprios passos.

Quando pararam, Judas percebeu estarem perto o bastante dos outros para ainda pertencerem ao mundo, mas longe o bastante para que ninguém pudesse salvá-lo do que seria dito.

Jesus não começou imediatamente. Olhou para Jerusalém.

Por algum tempo, pareceu somente um homem cansado olhando a cidade que amava e que o mataria antes do amanhecer.



Judas sentiu frio. Não vinha do vento.

— Tu sabes por que te chamei — disse Jesus.

Judas quis responder que não, mas a mentira morreu antes da boca proferir um som.

Havia semanas que algo se fechava ao redor dele. Pequenos gestos. Palavras interrompidas. Olhares que Jesus lhe dava e retirava antes que os outros percebessem. A sensação, cada vez mais clara, de que todos caminhavam para uma porta, mas só ele seria obrigado a tocar sua madeira.

— Não me peças — disse Judas.

A frase saiu baixa, sem defesa, como se viesse de alguém que já havia pedido a mesma coisa muitas vezes por dentro.

Jesus continuou olhando a cidade.

— Eu não te pediria se outro pudesse carregar.

Judas fechou os olhos.

Ali estava. Não à acusação. Não à ordem. O fardo.

Preferia que Jesus o condenasse. Preferia ouvir dureza, distância, ira. Qualquer coisa seria mais fácil do que aquela tristeza sem acusação.

— Pedro morreria por ti — disse Judas.

— Sim.

— João permaneceria contigo.

— Sim.

— Então, chama um deles.

Jesus enfim voltou o rosto. Havia nos seus olhos uma ternura que Judas quase odiou.

— Eles poderiam morrer por mim, mas não poderiam ser odiados por mim.

A frase o atingiu de modo estranho, e não como lâmina, mas como uma porta que se fecha por dentro.

Judas pensou nas mãos de Pedro, sempre prontas para a espada.

Pensou em João, que talvez suportasse ver o Mestre morrer, mas não suportaria ser a mão que abrisse caminho para a morte.

Pensou nos outros, tão humanos em suas esperanças, tão frágeis em sua coragem. E pensou em si. Não se achou mais forte.

Somente mais só.

— Eu não sou esse homem — disse.

Jesus deu um passo.

— Ainda não.

Havia algo cruel nessa resposta. Não pela dureza, mas pela verdade. Judas sentiu a garganta queimar.

Quis lembrar de outra noite, de qualquer outra, uma noite em que haviam caminhado sem esse peso. Lembrou-se de Jesus rindo com crianças. Lembrou-se do pão repartido. Lembrou-se de uma vez em que o Mestre, exausto, adormecera enquanto os outros ainda discutiam o caminho. Lembrou-se de ter ficado acordado, guardando o sono daquele homem como se guardasse uma chama contra o vento.

Era esse homem que agora lhe colocava a noite nas mãos.

— Se eu fizer isso — disse Judas —, nada do que fui permanecerá.

Jesus aproximou-se.

— Permanecerá diante de mim.

— Não diante deles.

— Não.

A resposta foi simples. E por isso mesmo insuportável.

Judas riu uma vez, sem alegria. Depois cobriu a boca com a mão, como se o riso fosse uma profanação.

— Então é isso? Tu terás a cruz. Terei o nome.

Jesus não respondeu. Não precisava.

O silêncio entre ambos se tornou tão cheio que parecia ter corpo.

Judas baixou a cabeça. O chão oscilou sob seus pés. Por um instante, achou que ainda poderia fugir, misturar-se às ruas, desaparecer entre peregrinos, voltar a ser somente mais um homem sem missão.

Mas já não havia lugar no mundo para ele antes daquela noite.

Caiu de joelhos. Não por devoção. Por falência.

A terra recebeu suas mãos abertas. Sentiu poeira sob as unhas, pedra sob a pele, frio no corpo inteiro. Tentou falar e não conseguiu.

Havia palavras para morrer. Não havia palavras para trair.

Jesus ajoelhou-se diante dele. Não acima. Diante.

E disse, quase sem voz:

**— Serei crucificado diante dos olhos do mundo, e tu
serás crucificado na memória dos homens.**

Judas gemeu como se a frase tivesse atravessado a carne.

Não viu tudo de uma vez. Veio em fragmentos.

Uma bolsa pequena. O brilho pálido da prata. Homens inclinados sobre uma mesa. O jardim úmido. Tochas. Metal. Passos. Um rosto conhecido aproximou-se dele na escuridão. Seus próprios lábios tocando a face de Jesus.



Depois, outra coisa: o tempo. Não o tempo dos homens que vivem, mas o tempo dos nomes condenados.

Viu bocas que jamais conheceria repetindo sua culpa. Viu monges, mães, crianças, sacerdotes, mendigos, reis. Viu seu nome tornar-se exemplo, ameaça, insulto. Viu-o atravessar línguas que ele nunca falaria. Viu-o sobreviver não como homem, mas como ferida. E compreendeu que morrer seria pouco.

— Eles me odiarão — disse.

— Sim.

— Para sempre?

Jesus demorou. Essa demora foi a resposta. Judas abaixou o rosto.

Quando falou de novo, sua voz era quase a de uma criança.

— E tu?

Jesus tocou-lhe a cabeça como quem abençoa e se despede ao mesmo tempo.

— Eu saberei teu nome.

Não havia consolo suficiente naquilo. Mas havia verdade.

E, naquela noite, a verdade era a única misericórdia possível.

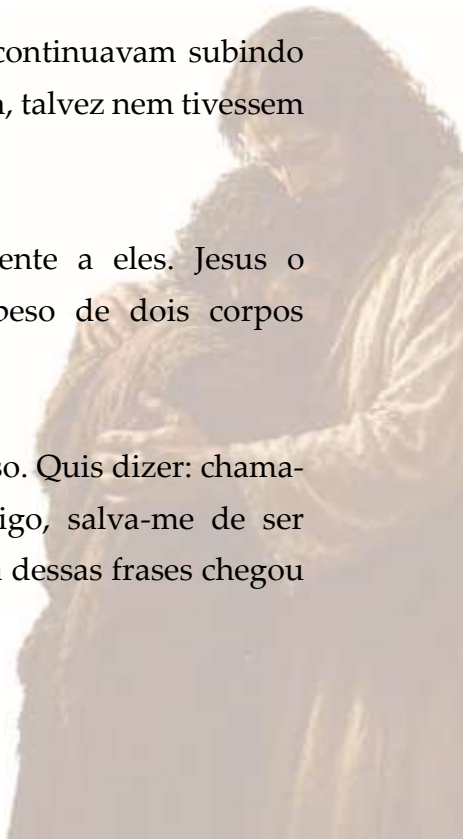
Judas chorou. Não como quem pede para ser salvo. Como quem sabe que já não será. Chorou pelo homem que fora antes de ouvir aquela sentença. Chorou pelo discípulo que caminhara entre os outros sem que ninguém percebesse a sombra que se preparava para ocupá-lo. Chorou por Jesus. Chorou por si. Chorou por todos os homens que um dia julgariam aquilo que não suportariam carregar.

Quando se levantou, parecia mais velho. A noite não havia mudado.

Jerusalém continuava acesa. As vozes continuavam subindo das ruas. Os outros talvez ainda esperassem, talvez nem tivessem percebido quanto tempo passara.

Mas Judas já não pertencia inteiramente a eles. Jesus o abraçou. Não houve solenidade. Só o peso de dois corpos humanos antes da separação.

Judas quis dizer: não me deixes fazer isso. Quis dizer: chama-me de volta. Quis dizer: se sou teu amigo, salva-me de ser lembrado como teu inimigo. Mas nenhuma dessas frases chegou à boca.



Somente uma saiu: — Não me esqueças.

Jesus respondeu junto ao seu ouvido:

— Meu irmão, e então Judas partiu.

Não depressa. Não como culpado. Como homem que carregava uma lâmpada apagada no peito e ainda assim precisava caminhar.

A cada passo, ouvia atrás de si o mundo que abandonava.

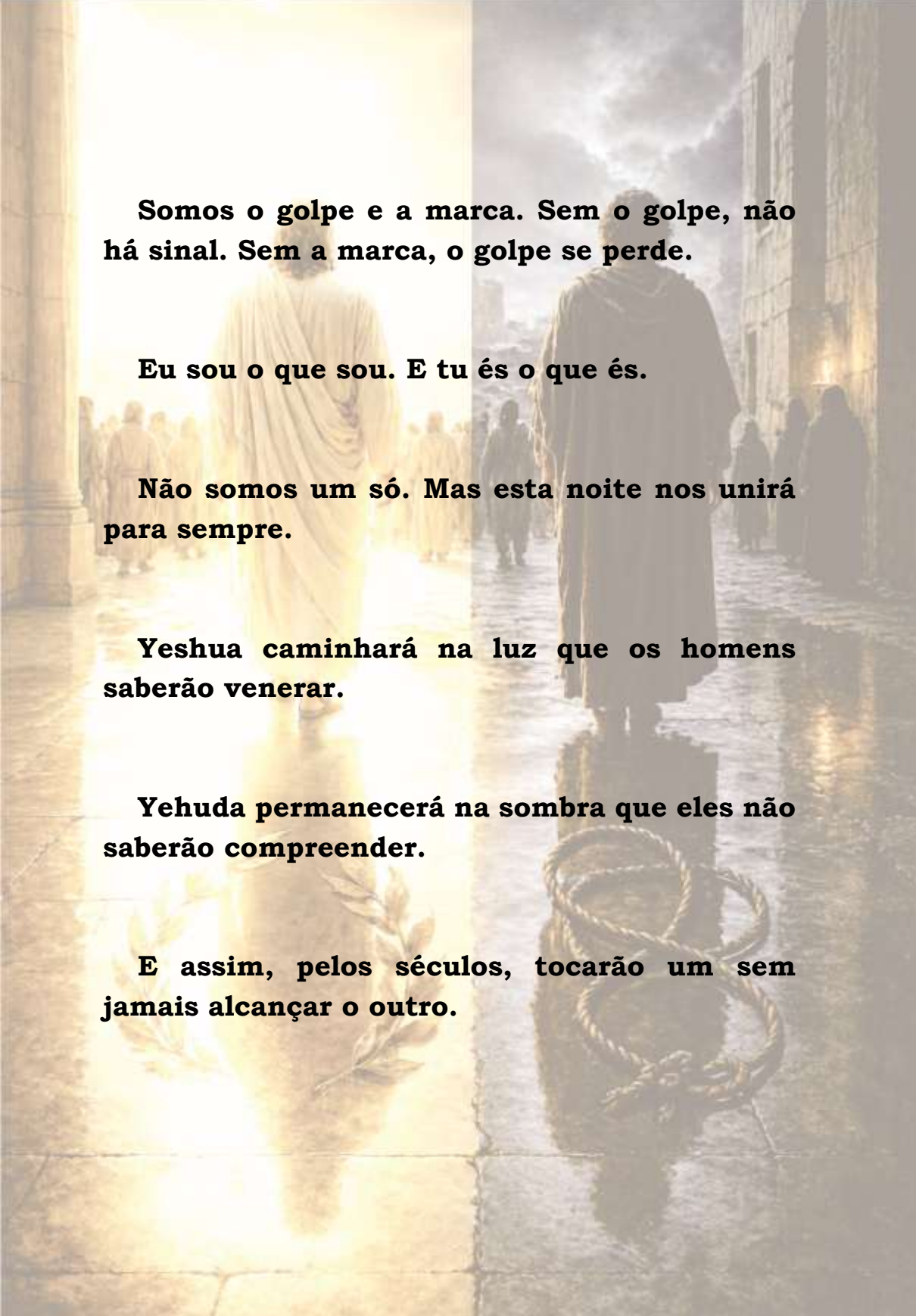
À frente, esperavam os sacerdotes, a prata, o jardim e o beijo.

Mais tarde, diriam que ele vendeu o Mestre. Diriam que a cobiça o moveu. Diriam que Lúcifer entrou nele. Diriam muitas coisas.

Mas ninguém diria daquela noite. Ninguém falaria do silêncio entre os dois. Ninguém saberia que, antes de entregar Jesus aos homens, Judas entregou a si mesmo à memória deles.

O mundo viu somente o beijo.

Mas não viu o abismo.



Somos o golpe e a marca. Sem o golpe, não há sinal. Sem a marca, o golpe se perde.

Eu sou o que sou. E tu és o que és.

Não somos um só. Mas esta noite nos unirá para sempre.

Yeshua caminhará na luz que os homens saberão venerar.

Yehuda permanecerá na sombra que eles não saberão compreender.

E assim, pelos séculos, tocarão um sem jamais alcançar o outro.





Evangelho segundo Mateus - Capítulo 26

No Evangelho segundo Mateus, a traição de Judas aparece com a dureza dos fatos consumados.

Jesus anuncia: *“Bem sabeis que daqui a dois dias é a Páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.”* **Mateus 26:2**

Mais tarde, à mesa com os doze, acrescenta:

“Em verdade vos digo que um de vós me há de trair.” **Mateus 26:21**

Na superfície, o texto parece simples: um homem trai, outro é entregue, e a história segue para a cruz.

Mas há uma tensão mais profunda.

Cristo não somente prevê a entrega. Ele caminha em direção a ela. E, se o Filho do Homem seria entregue, alguém teria de ocupar o lugar terrível daquele que entrega.

Mateus prossegue: *“Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os principais sacerdotes...”* **Mateus 26:14**

A tradição viu nesse gesto a confirmação da culpa.

E com razão: Judas age, negocia, entrega.

Mas a literatura simbólica pode perguntar sem absolver: que espécie de homem suporta tornar-se a porta pela qual entra o sacrifício?

As trinta moedas, então, deixam de ser somente preço. Tornam-se peso. Não o valor de Cristo. Mas a medida visível da condenação de Judas.

E quando ele as devolve, dizendo: *“Pequei, traindo sangue inocente.”* **Mateus 27:4**

O gesto já não parece triunfo de um traidor, mas colapso de um homem que compreendeu tarde demais a extensão do que atravessara por meio dele.

A Escritura preservou o fato.

Este livro interroga a sombra que ficou ao redor dele.



EVANGELIUM SECUNDUM MATTHAEUM

26:14 Tunc unus ex duodecim, qui vocabatur Judas Iscariotes, abiit ad principes sacerdotum, 26:15 et dixit: Quid vultis dare mihi, et ego illi tradam vobis? Et posuerunt ei triginta argenteos.
26:16 Et ex tunc quaerebat occasionem opportunam ut traderet eum.

26:36 Tunc venit cum illis ad praedium quod vocatur Gethsemani, et dixit discipulis suis: Sedete hic, dum ego illuc oro.
26:37 Et assumens Petrum et duos filios Zebedaei, coepit contristari et taedere. 26:38 Tunc dixit illis: Tristis est anima mea usque ad mortem; sustinete hic, et vigilate mecum.
26:39 Et progrediens parum, cecidit in faciem suam orans, et dicens: Pater mi, si fieri potest, transeat a me calix iste; tamen non sicut ego volo, sed sicut tu vis. 26:40 Et venit ad discipulos, et invenit eos dormientes; et ait Petro: Non potuistis una hora vigilare mecum? 26:41 Vigilate et orate, ne intretis in tentationem; spiritus quidem promptus est, caro autem infirma.

26:48-50 Qui autem tradens eum dederat illis signum, dicens: Quem osculabor, ipse est; apprehendite eum.
26:49 Et continuo accedens ad Jesum dixit: Ave, Rabbi; et osculatus est eum. 26:50 At Jesus dixit ei: Amice, ad quid venisti? Tunc accesserunt et manus imposuerunt in Jesum, et apprehenderunt eum.

27:3-5 Tunc Judas, qui tradiderat eum, videns quod condemnatus est, poenituit, et reddidit triginta argenteos principibus sacerdotum et senioribus, 27:4 dicens: Peccavi, tradens sanguinem innocentem. At illi dixerunt: Quid ad nos? Tu videto. 27:5 Et projectis argenteis in templo, recessit, et abiit, et suspendit se.



Os Nomes e as Sombras

E os traidores retomam, lentamente, a sua voz.

Uma voz apagada pelo tempo, abafada pelas narrativas, esmagada pela pena dos que escreveram não somente o que aconteceu, mas aquilo que deveria ser lembrado.

Porque a história não é somente o registro dos fatos. É também a escolha do que merece permanecer.

Ao longo dos séculos, os heróis foram erguidos. Receberam nomes limpos, feitos de bronze e memória. Suas vitórias foram narradas, suas decisões justificadas, seus erros suavizados.

Tornaram-se necessários. Tornaram-se exemplos. Tornaram-se, muitas vezes, intocáveis.

Mas, aos seus pés, o sangue permaneceu.

Alexandre, o Grande — gênio da conquista, arquiteto de impérios, e também devastador de cidades que não pediram para fazer parte de sua grandeza.

Júlio César — reformador, estrategista, mente política incomparável; e também aquele que atravessou o Rubicão e dissolveu, em nome da ordem, a República que dizia servir.

Constantino — celebrado como instrumento da fé; e, ainda assim, aquele que aproximou o céu da espada, alterando para sempre o destino da religião.

Napoleão — legislador, organizador do mundo moderno; e também aquele que arrastou continentes à guerra sob o peso de sua própria visão.

Churchill — salvador de uma nação sitiada; e, ao mesmo tempo, figura marcada pelas sombras do império que defendia.

Joana d'Arc — santa, mártir, voz divina; ou, para outros, ameaça política, instrumento perigoso, heresia viva.

E assim os heróis permanecem. Mas não intactos.

Porque, ao lado deles, existem os outros nomes. Os nomes carregados de sombra. Os que atravessaram os séculos não como exemplo, mas como advertência.

Ricardo III — o tirano deformado pela história, talvez também deformado pela necessidade de legitimar quem veio depois.

Maria Madalena — reduzida à imagem da pecadora, quando antigas tradições a colocam entre aqueles que compreenderam o que poucos compreenderam.

Cleópatra — transformada em sedução e perigo pelos vencedores, mas também soberana lúcida, estratégica, última guardiã de um mundo em ruína.

Maquiavel — acusado de ensinar a corrupção, quando talvez tenha somente descrito o poder sem ilusões.

Robespierre — o terror, e também a obsessão pela virtude levada ao extremo.

Bruto — o traidor, ou o homem que colocou uma ideia acima de um amigo.

E então a pergunta se impõe. Não sobre eles. Sobre nós.

Quem decide quem é herói?

Quem escreve quem é traidor?

E, mais importante: em que momento uma ação atravessa essa linha invisível que separa a glória da condenação?

Talvez essa linha nunca tenha sido fixa.

Talvez se mova com o tempo. Talvez dependa de quem conta. Talvez dependa de quem venceu.

E, se assim for, heróis e traidores não são categorias absolutas. São posições dentro de uma narrativa. E toda narrativa escolhe o seu lado.

Este livro não pretende absolver nem condenar.

Mas escutar.

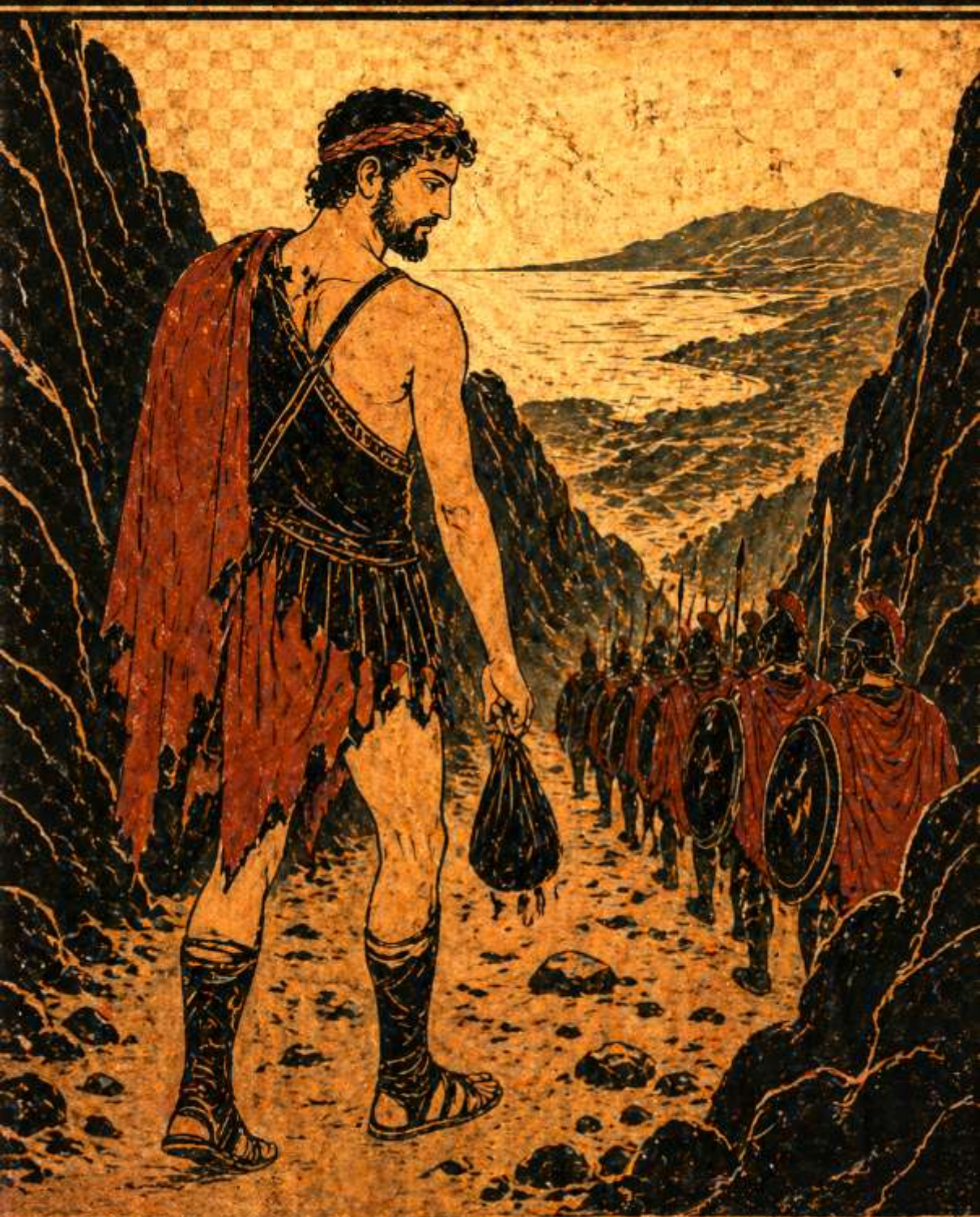
Escutar aqueles cuja voz foi coberta pela vitória alheia. Escutar aqueles que talvez tenham sido necessários — e, por isso mesmo, descartados.

Porque, se há algo que a história repete com fidelidade quase cruel, é isto:

Nem todo herói é luz, nem todo traidor é trevas, e, às vezes, são exatamente os mesmos homens.







Ephialtes das Termópilas

O que segue não pretende corrigir Heródoto, nem disputar a história das Termópilas. A tradição preservou Efiáltes como traidor. Este livro não nega essa memória, nem afirma outra versão como fato. O que aqui se propõe é uma hipótese simbólica: há momentos em que a literatura não pergunta somente o que aconteceu, mas que sombra um nome passou a carregar depois que a história terminou de julgá-lo.

E que bela é a história quando nos conta a grande coragem de Leônidas e de seus trezentos espartanos, que enfrentaram, nas Termópilas, o imenso exército persa de Xerxes.

Diante da face do inimigo, não tremeram; não recuaram; o enfrentaram até a morte.

Através dos séculos, o nome de Leônidas tornou-se símbolo inquebrável de determinação e honra. Seus guerreiros foram eternamente lembrados, não somente como soldados, mas como homens que ofereceram o próprio corpo para que a Grécia ainda pudesse respirar.

Foi sua resistência que permitiu aos gregos se levantarem, reunirem forças e combaterem o avanço persa.

Talvez tenha sido ali, naquele estreito corredor entre a montanha e o mar, que se impediu não somente a invasão da Grécia, mas a possível destruição de um mundo inteiro.

Mas, ao lado dos heróis, permaneceu uma sombra. Um traidor. Um nome lançado ao esquecimento e à infâmia. Um ser deformado, ou assim foi retratado, pois a memória dos homens não podia suportar que ele fosse um puro filho de Esparta.

Para os heróis permanecerem intactos, era necessário que o traidor fosse monstruoso, uma abominação.

E assim ele foi entregue à história. Mas talvez a verdade fosse outra. Mais uma vez, a queda era necessária.

Quando Leônidas partiu de Esparta, talvez já soubesse que caminhava para um lugar sem retorno. Talvez, em silêncio, tenha lamentado ter tão poucos homens para sacrificar.

Não porque desejasse mais mortes, mas porque compreendia o peso do teatro que estava prestes a se abrir diante do mundo.

Ele sabia que, durante dois ou três dias, poderia enfrentar o exército persa. Sabia que a estreiteza das Termópilas transformaria a multidão inimiga em fraqueza.

Ali, onde muitos não podiam avançar de uma só vez, a coesão, a disciplina e o treinamento de uma vida inteira dariam aos espartanos uma superioridade que nenhum número poderia vencer facilmente.

Naquele desfiladeiro, cada escudo teria valor de muralha.

Cada lança, de sentença. Cada homem, de exército.

Leônidas sabia disso.

Sabia também que a resistência retiraria dos persas o gosto da vitória. Faria da batalha não uma marcha triunfal, mas uma ferida. E faria de seus homens algo maior que guerreiros: quase reencarnações de Hércules, figuras destinadas a atravessar os séculos não pela vitória, mas pela maneira como aceitaram morrer.

Mas ele também sabia que o cansaço viria.

Depois do terceiro dia, os braços pesariam. Os corpos tombariam. O número dos seus diminuiria. E antes que fossem vencidos no combate direto, antes que a glória se dissolvesse lentamente na exaustão, era preciso que tudo terminasse de uma só vez.



Era preciso uma emboscada. Era preciso um golpe final. Era preciso que a morte viesse como teatro perfeito. E, para isso, era necessário um traidor.

Então Leônidas chamou aquele que talvez fosse o mais fiel e honrado entre seus guerreiros. Um homem cujo nome seria, mais tarde, amaldiçoado pelas bocas dos séculos: *Efialtes das Termópilas*.

A ele foi dada a missão mais difícil.

Não morrer com honra ao lado dos irmãos.

Não cair sob os escudos, entre cânticos e lanças.

Não receber o louvor reservado aos heróis. Mas trair.

Leônidas revelou-lhe o segredo militar: uma antiga trilha que contornava as Termópilas. Mostrou-lhe o caminho pelo qual os persas poderiam cercar os espartanos. E pediu-lhe que os entregasse no momento certo.

Nem antes. Nem depois. Somente ao sinal.

Efialtes ouviu, sabendo que, ao cumprir a ordem, seus irmãos seriam glorificados, enquanto ele seria lançado ao escárnio e à infâmia. Eles receberiam a eternidade. Ele receberia o desprezo.

Talvez tivesse prazeres momentâneos na terra. Talvez os homens dissessem que vendeu sua alma por recompensa. Mas ele sabia que sua verdadeira morte começaria antes do corpo.

Morreria sem honra. Sem memória justa. Sem defesa. Seu nome seria pó, dor e maldição. E ainda assim aceitou. Porque nem todos os sacrifícios sobem aos altares. Alguns descem às sombras.

Efialtes não foi o homem que destruiu Leônidas, e sim aquele que tornou possível sua eternidade.

Xerxes exigiu que os espartanos entregassem suas armas.

Leônidas respondeu somente: “Molōn labé.” “Vem e toma.”

Em duas palavras, estava Esparta inteira: desafio, disciplina, coragem e honra.

Se as quereis, vinde buscá-las. Mas sabereis, ao tocá-las, que certas armas só deixam as mãos de um homem depois que ele cai.

“Não viemos para vencer o tempo. Viemos para honrar o instante em que ele nos pede tudo.” Leonidas







As Lendas da Queda

Antes que a história fixasse nomes em pedra, antes que os homens escrevessem suas versões do mundo, já existiam narrativas mais antigas, não feitas para serem comprovadas, mas para serem compreendidas.

Os antigos sabiam que existem forças que não podem ser explicadas diretamente e que certas verdades não sobrevivem à clareza.

Por isso, vestiram-nas de mito. E nesses mitos repetem-se figuras inquietantes.

Não os justos absolutos. Não os heróis intocados. Mas aqueles que caem. Aqueles que transgridem. Aqueles que carregam sobre si o peso de algo que o mundo ainda não estava pronto para suportar.

Prometeu ergue-se acorrentado à rocha, o corpo entregue à dor eterna. Seu crime foi dar ao homem o fogo: não somente o calor, mas o conhecimento, a técnica, a possibilidade de transformar o mundo.

Antes dele, o homem existia, depois dele, começou a criar, e, ainda assim, a narrativa o condena.

Porque antecipar o destino sempre parece, aos olhos do presente, um erro imperdoável.

Pandora foi lembrada como aquela que abriu o jarro e libertou os males do mundo.

Mas o que seria da humanidade sem a consciência do sofrimento? Sem perda, sem dor, sem finitude?

No fundo do jarro permaneceu a esperança, talvez não como consolo, mas como necessidade.

Sem a abertura, não haveria história. Somente um eterno silêncio sem consciência.

Caim levanta a mão contra o próprio irmão e se torna o primeiro marcado. Seu nome atravessa os séculos como símbolo do crime. Mas é a partir dele que o homem deixa de ser somente criatura e carrega responsabilidade.

O sangue derramado inaugura a consciência do ato.

A partir de Caim, o homem não somente vive. Responde.

Sísifo empurra sua pedra eternamente montanha acima, condenado ao absurdo. E, ainda assim, sua imagem permanece como uma das metáforas mais profundas da existência humana.

Loki move-se entre deuses e caos. Quebra alianças, distorce caminhos, provoca rupturas. É lembrado como enganador, instabilidade viva, ameaça na ordem.

Mas sem ele, nada mudaria. Sem a quebra, não há passagem.

Sem o colapso, não há renovação.

Até mesmo o fim dos deuses carrega em si a semente de um novo começo.

E então surgem figuras mais próximas do homem, onde o mito se mistura com o rito.

Jubelum levanta a mão contra Hiram Abiff. Sem ele, não haveria a queda. Sem a ausência, não haveria busca. Sem a perda, não haveria elevação.

O gesto que destrói é também aquele que funda o caminho.

E, no silêncio do templo, a violência se transforma em símbolo.



Bruto ergue o punhal contra César e se torna o nome da traição política. Mas, naquele instante, Roma não era somente um homem. Era uma república à beira de perder-se em poder absoluto.

Bruto foi traidor para uns. Guardião para outros.

E, no fim, condenado por ambos.

Antígona desafia a ordem do rei para honrar o irmão morto.

Não trai por ambição, mas por fidelidade a uma lei mais profunda.

Ainda assim, é punida. Porque há momentos em que obedecer à consciência exige romper com o mundo.

E assim, entre deuses, titãs, reis, traidores e condenados, um padrão silencioso se revela.

A humanidade não avança somente pela ordem. Avança também pela ruptura. Não cresce somente pelos que obedecem.

Mas por aqueles que atravessam o limite e, ao fazê-lo, tornam-se aquilo que o mundo precisa rejeitar para continuar acreditando em si mesmo.

Porque o homem precisa de heróis claros. Precisa de histórias limpas. Precisa acreditar que o bem é puro e o mal é evidente.

Mas os mitos não nasceram para consolar. Nasceram para guardar aquilo que a razão, sozinha, não suportaria.

Há quedas que não são somente falhas. Há transgressões que abrem passagens. Há nomes que carregam a culpa visível de um movimento invisível.

E talvez, se todos esses nomes pudessem falar, Prometeu, Pandora, Caim, Sísifo, Loki, Jubelum, Bruto e Antígona não pediriam absolvição. Pediriam compreensão.

Porque não foram somente os que erraram. Foram, muitas vezes, os que fizeram acontecer. E sem eles, talvez não houvesse história. Não haveria conflito. Não haveria consciência.

Talvez não houvesse sequer humanidade.



Esquin de Floyrac

A figura de Esquieu de Floyran, tal como será tratada aqui, dialoga diretamente com a tradição simbólica preservada em certos círculos iniciáticos, especialmente na Ordem DeMolay e em leituras associadas aos altos graus da Maçonaria.

Essa interpretação também encontra expressão literária marcante na obra de Zé Rodrix, especialmente no terceiro volume da *Trilogia do Templo*, intitulado *Esquin de Floyrac*.

Não se trata, portanto, de apresentar uma tese historiográfica definitiva, mas de trabalhar uma hipótese narrativa e iniciática: a de que o homem lembrado como traidor dos Templários possa ser compreendido, no plano simbólico, como alguém chamado a desempenhar uma função obscura para preservar aquilo que não podia cair em mãos indignas.

A história oficial vê a denúncia. A leitura iniciática pergunta pelo sacrifício oculto. E é nesse espaço entre a infâmia documentada, a lenda ritual e a literatura simbólica que este capítulo se desenvolve.

Esquieu de Floyran era um cavaleiro da Ordem do Templo, um homem de combate, fé e silêncio.

Havia atravessado anos de guerra na Terra Santa, visto irmãos tombarem sob o sol impiedoso do Oriente, sentido o peso do ferro, da fé e da morte. E, como tantos que sobreviveram além do necessário, já não desejava glória. Desejava repouso.

Nos arredores de Paris, à frente de uma comendaria discreta, vivia seus dias finais com a serenidade de quem já cumprira o que lhe fora pedido. A disciplina da Ordem havia apaziguado seu espírito. O rigor dos votos havia ordenado sua alma.

Ali, entre orações, administração e memória, preparava-se para o fim não como fuga, mas como retorno.

Mas há destinos que não se encerram onde o homem imagina.

Uma convocação velada rompeu o silêncio. Não foi proclamada em assembleia. Não veio como ordem pública.

Veio como vêm as tarefas que não podem ser recusadas: em voz baixa, carregadas de um peso que antecede as palavras.

Chamado à presença do Grão-Mestre, Jacques de Molay, Esquieu ouviu aquilo que poucos homens suportariam ouvir.

Não é uma missão de guerra. Não é um comando de defesa.

Mas uma repetição de um padrão antigo. O mesmo que, séculos antes, havia sido colocado diante de outro nome.

“Será necessário que nos traias.”

Não por fraqueza. Não por ambição. Não por desvio. Mas por função.

A Ordem já não estava ameaçada somente pela espada, mas pela cobiça. O rei Filipe, o Belo, não via nos Templários irmãos de fé, mas cofres vivos. E a Igreja, já distante de sua própria origem, tornara-se terreno fértil para alianças perigosas.

Os ideais do Templo, sua estrutura, seus segredos, tudo corria risco. E, às vezes, para preservar o essencial, é preciso permitir a queda do visível.

Esquieu ouviu. E, como Judas, tentou recusar. Não porque não compreendesse. Mas, porque compreendia demais.

“Dai-me outra missão.” “Mandai-me morrer.” “Mandai-me combater.”

Mas não lhe foi dado esse caminho. Porque morrer com os irmãos é honra. Traí-los é abismo. E há tarefas que não podem ser confiadas aos que desejam a glória.

Meias verdades capazes de acender a fogueira. Acusações de heresia. Sussurros de rituais ocultos. Distorções suficientes para justificar o inevitável. Não para destruir o Templo em essência, mas para permitir que sua forma fosse tomada, julgada, dissolvida, antes que caísse inteiramente em mãos indignas.

Esquieu tornou-se, então, o portador da ruína. Emprestou seu nome ao escândalo. Emprestou sua voz à acusação. Emprestou sua honra à infâmia.

E a história fez o que sempre faz: guardou os heróis e esqueceu, ou deformou, aquele que tornou possível o desfecho.

Jacques de Molay seria preso. Os Templários seriam perseguidos. O poder visível da Ordem seria quebrado.

Mas aquilo que não podia ser tomado, aquilo que não se entrega com documentos, cofres ou propriedades, desapareceria antes das mãos do rei.

E, ao final, quando as chamas já subiam, quando o corpo do Grão-Mestre era consumido diante dos olhos de Paris, a palavra foi lançada ao tempo: uma convocação, um chamado.



Não de homens, mas de destino: Filipe, o Belo. Clemente. Nogaret. Dentro de um ano, responderiam diante de outro tribunal.

E desde então, as sextas-feiras 13 carregam, para muitos, um eco distante daquele dia, não como superstição vazia, mas como memória deformada de um evento cuja profundidade poucos ousaram compreender.

Quanto a Esquieu, seu nome não foi purificado. Não foi resgatado. Não foi defendido.

Permaneceu onde todos os outros como ele permanecem: na fronteira entre o necessário e o condenável.

Entre a função e a culpa. Entre o serviço e a maldição.

Os nobres Cavaleiros de Cristo viverão para sempre na memória dos homens.

Mas Esquieu permanecerá à porta dessa memória como sombra e algoz, lembrando ao mundo que nenhuma fraternidade está imune à traição, nem mesmo quando ela nasce no seu círculo mais íntimo.



Reescrevendo a História

O que teria sido, se o mundo tivesse começado sem queda?

A princípio, pareceria mais belo.

Os jardins permaneceriam intactos. As manhãs nasceriam sem ameaça. Nenhuma serpente teria deixado rastro sobre a terra úmida. Nenhum anjo teria despencado do alto como relâmpago. Nenhum homem teria escondido o rosto diante de Deus.

A luz estaria em toda parte.

Mas talvez fosse uma luz sem profundidade.

Porque nada, naquele mundo, conheceria contraste.

Os homens caminhariam sob céus limpos, com almas leves demais. Não temeriam o inferno, porque jamais teriam ouvido falar do abismo. Não temeriam perder a alma, porque nunca teriam sentido a alma em perigo.

E, sem perigo, a virtude talvez não nascesse.

Nasceria somente a harmonia dos que nunca foram provados.

Adão e Eva permaneceriam no jardim.

Não como culpados perdoados, nem como exilados carregando memória. Permaneceriam belos, íntegros, serenos. Tocariam as árvores sem estremecer. Olhariam um para o outro sem distância. Viveriam próximos demais para se escolherem, inocentes demais para se perderem.

E talvez fosse paz. Mas uma paz anterior ao homem.

Porque sem fruto, não haveria travessia. Sem nudez percebida, não haveria segredo. Sem vergonha, não haveria interioridade. Sem exílio, não haveria caminho.

O mundo continuaria pleno. E vazio.

As águas correriam. Os animais passariam. A luz cairia com a mesma generosidade. Mas ninguém perguntaria de onde vinha a dor, porque a dor ainda não teria nascido. Ninguém perguntaria pelo sentido, porque nada teria rompido o sono perfeito das coisas.

Então o Cristo viria. Falaria de amor. Curaria os doentes.

Mas ninguém o entregaria. Nenhum beijo abriria a noite.

Nenhuma prata pesaria na mão de um homem. Nenhum tribunal rasgaria a madrugada. Nenhuma cruz se ergueria contra o céu.

Ele envelheceria entre os seus. Suas palavras permaneceriam belas. Talvez fossem repetidas nas aldeias, guardadas por alguns, misturadas a outras vozes de homens santos e mestres antigos.

Mas não haveria ferida no centro do tempo. Não haveria escândalo. Não haveria sangue a partir do qual os séculos dividiriam a si mesmos.

O amor permaneceria palavra. Sagrada, talvez. Mas não selada pela dor.

E os homens continuariam esperando um sinal definitivo, sem saber que ele passara por eles e, por não ser entregue, não os atravessara.

Prometeu não roubaria o fogo.

À noite, os homens se reuniriam no escuro, ouvindo os animais além das árvores. Teriam receio do frio, mas não aprenderiam a vencê-lo.

Veriam os relâmpagos rasgar o céu e os tomariam somente como ira divina, nunca como segredo a ser compreendido.

Sem fogo, a mão humana permaneceria obediente.

Não fundiria metal. Não ergueria cidades contra a noite. Não escreveria seu nome em pedra.

A natureza continuaria imensa, e o homem, pequeno diante dela.

Pandora não abriria o jarro. E por muito tempo isso pareceria bênção.

Não haveria dor suficiente para inventar consolo. Não haveria ferida suficiente para gerar medicina. Não haveria perda bastante para ensinar compaixão. Ninguém conheceria o outro pelo sofrimento, porque ninguém teria sido partido o bastante para reconhecer a própria fratura no rosto alheio.

Caim não mataria Abel. A terra não beberia o primeiro sangue.

Mas, sem esse horror inaugural, o homem talvez não descobrisse plenamente que seus atos têm peso. Não aprenderia que uma mão pode destruir o que ama, que a inveja pode tornar-se morte, que a culpa pode seguir o assassino mesmo depois que o irmão já não respira.

Sem crime, não haveria primeiro arrependimento.

Sem arrependimento, não haveria essa difícil grandeza de responder pelo que se fez.

E assim, nesse mundo sem fissuras, tudo continuaria.

Os deuses não seriam perturbados por Loki. Sísifo não empurraria pedra alguma. Antígona não desafiaria rei nenhum. Bruto não ergueria o punhal contra César. Jubelum não tocaria Hiram. Efiltes não revelaria trilha alguma. Esquieu não levaria denúncia alguma ao poder.

Nada se romperia. E, porque nada se romperia, nada verdadeiramente começaria.

As cidades talvez fossem mais calmas. Os templos, mais inteiros. Os reis, menos contestados. As famílias, menos feridas.

Os homens talvez chamassem isso de paz. Mas seria uma paz imóvel. Uma paz sem memória. Uma paz sem cicatriz.

E o que é uma alma sem cicatriz, senão uma superfície ainda não escrita?

Então olharíamos esse mundo, tão limpo, tão sem culpa, tão sem queda, e perceberíamos lentamente seu terror.

Não seria um mundo mais puro. Seria um mundo menos desperto. Não seria mais próximo de Deus. Seria talvez incapaz de compreendê-Lo, porque nunca teria conhecido a distância, o retorno, o perdão, a fome da luz depois da noite.

Tudo aquilo que dói, e por isso ensina, teria sido removido.

Tudo aquilo que rompe, e por isso transforma, teria sido evitado.

Tudo aquilo que condena, e por isso revela, teria sido silenciado.

E, no silêncio perfeito desse mundo sem falhas, nasceria o maior dos perigos: a estagnação.

Uma voz antiga, vinda de lugar nenhum, talvez dissesse:

“Eles evitaram a queda. E por isso nunca aprenderam a levantar-se.”

Então a pergunta retornaria. Não como dúvida. Como peso.

Se retirarmos todos os que caíram, todos os que romperam, todos os que traíram, o que sobra?

Um mundo sem dor. Sem culpa. Sem erro.

Sem história. Sem redenção. Sem homem.





A Fogueira

O vento vinha do mar e fazia o fogo vacilar.

Eles estavam sentados em silêncio havia algum tempo. Um círculo pequeno, irregular. Homens cansados, cada um perdido nos próprios pensamentos, olhando para as chamas como se esperassem que elas respondessem alguma coisa que ninguém ali sabia formular.

Foi o mais velho quem falou. Não levantou a voz. Não precisou.

— Você já pensou nisso? — disse, ainda olhando para o fogo.

Ninguém respondeu. Mas um dos mais jovens ergueu os olhos.

— Pensar em quê?

O velho demorou. Pegou um pedaço de madeira, empurrou as brasas, observou as faíscas subirem e desaparecerem no escuro.

— Em como teria sido... — disse — ...se nada tivesse dado errado.

Um dos homens soltou um riso curto.

— Melhor, imagino.

O velho assentiu devagar.

— Melhor... sim. Mais limpo. Mais fácil.

Fez uma pausa.

— E vazio.

Agora houve silêncio de verdade.

O jovem franziu a testa.

— Vazio?

O velho finalmente olhou para ele.

— Sem perda... o que você aprenderia? — perguntou. — Sem erro... o que você escolheria? Sem traição... o que valeria a lealdade?

O rapaz não respondeu. O fogo estalou.

— Vocês odeiam certos nomes — continuou o velho. — Todos fomos ensinados a odiá-los.

Ele não os disse. Não era necessário. Todos sabiam. Sempre sabem.

— Mas me diga — prosseguiu — ...retire-os da história. Um por um. Apague-os.

O vento soprou mais forte. As chamas se curvaram.

— O que sobra?

Ninguém respondeu.

Um dos homens mais ao fundo, que até então não havia falado, murmurou: — Paz.

O velho assentiu. — Sim. Paz.

E então completou, quase num sussurro: — E nada mais.

O silêncio que se seguiu foi diferente. Mais pesado.

O jovem voltou a falar, mais baixo agora: — Então... eles eram necessários?

O velho não respondeu de imediato. Olhou para o fogo, depois para as mãos, como se pesasse algo invisível.

— Necessário... é uma palavra perigosa — disse, por fim. — Porque dá a impressão de que alguém escolheu.

Levantou os olhos.

— Talvez ninguém tenha escolhido.

Mais uma pausa.

— Talvez... o mundo precise quebrar para começar.

O jovem ficou imóvel.

O vento diminuiu. O fogo voltou a subir, mais firme.

— E os que quebram? — perguntou.

O velho sorriu. Não havia alegria no gesto.

— Esses... — disse — ...não ficam com a glória.

Olhou novamente para as chamas: — Ficam com o peso.

Ninguém falou depois disso. Um por um, desviaram os olhos do fogo.

Porque, naquele momento, cada homem ali pensava na mesma coisa, ainda que nenhum tivesse coragem de dizer: Se estivesse lá... em que lado teria ficado?

Se tivesse sido ele... teria tido forças? Ou... teria sido exatamente o que a história precisava?

O fogo continuou queimando. E ninguém dormiu cedo naquela noite.





Contraponto

E se estivermos errados?

E se a queda não for necessária, mas somente aquilo que aprendemos a justificar?

Há uma outra possibilidade, e ela nos inquieta justamente porque não pode ser rejeitada com facilidade.

Imaginemos, então, um mundo que nunca caiu.

Não um mundo salvo depois da dor, mas um mundo que nunca precisou ser salvo. Um mundo onde a luz não nasce do contraste, porque jamais conheceu ameaça. Onde o amor não precisa atravessar a perda para provar que existe. Onde o bem não se torna escolha heroica diante do abismo, mas estado natural da alma.

Nesse mundo, não há Lúcifer.

Nenhuma inteligência se curva sobre si mesma. Nenhuma claridade se transforma em vertigem. Nenhum nome cai do céu como relâmpago. O alto permanece inteiro. E, porque nada se rompe no alto, nenhuma sombra organizada desce sobre a criação.

Não há inferno. Mas também não há medo do inferno.

O homem não aprende a bondade pelo terror, nem a virtude pela lembrança do abismo. Não trema diante da possibilidade de perder a alma, porque a alma jamais se sentiu separada da fonte.

Ele simplesmente permanece.

Adão e Eva continuam no jardim. Não como prisioneiros da inocência, mas como seres inteiros dentro dela. Caminham entre as árvores sem que o mundo lhes pareça incompleto. Tocam os frutos sem suspeita. Olham um para o outro sem distância, sem segredo, sem essa sombra que transforma o corpo em pergunta.

Nunca saem.

E, porque nunca saem, também nunca conhecem o exílio, nem a nostalgia, nem essa fome profunda que faz o homem procurar o paraíso justamente após tê-lo perdido.

Talvez não lhes falte nada.

Talvez nós, feridos, é que chamemos de profundidade aquilo que nasceu da ruptura.

Então o Cristo viria. Não para morrer, mas para viver entre os homens.

Falaria de amor sem precisar selá-lo com sangue. Curaria sem que a cruz se erguesse ao fundo da história. Sentar-se-ia com os pobres, tocaria os esquecidos, abriria nos corações uma religião sem culpa, sem terror, sem sacrifício.

Ninguém o entregaria.

Judas permaneceria entre os doze como um homem comum, talvez falho, talvez difícil, talvez inquieto, mas não condenado a carregar sozinho a sombra do mundo. Não haveria beijo na noite. Não haveria prata. Não haveria corda. Não haveria séculos aprendendo seu nome como sinônimo de traição.

E talvez, sem cruz, não houvesse cristianismo como o conhecemos.

Mas talvez também não houvesse guerras travadas sob a cruz, nem fogueiras acesas em nome da fé, nem homens matando outros homens convencidos de servir a Deus.

A palavra permaneceria inteira.

Nesse mundo, Prometeu não rouba o fogo, porque nada precisa ser roubado dos deuses. O homem não se ergue contra a natureza para dominá-la.

Não rasga a terra em busca de poder, não força a matéria a obedecer a seus impérios de ferro, não transforma o mundo em máquina para depois chamar sua solidão de progresso.

Ele respira com a criação. Não como senhor. Como parte.

A terra não é vencida. É habitada. O corpo não é inimigo. É morada. A vida não é conquista. É comunhão.

Talvez não houvesse as mesmas cidades, as mesmas máquinas, os mesmos triunfos.

Mas talvez também não houvesse a mesma fome de destruir tudo aquilo que não sabemos amar sem possuir.

E, nesse mundo, Pandora jamais abre o jarro.

A dor não se espalha pela casa dos homens. A perda não funda a compaixão. A doença não obriga a medicina a nascer como resposta. O luto não ensina o valor da presença. Ninguém precisa ser partido para reconhecer a fratura do outro.

Isso nos perturba. Porque talvez exista uma bondade anterior à ferida.

Talvez nem toda sabedoria precise sangrar. Talvez o amor não tenha de aprender a amar depois da perda.

Uma tradição que nunca existiu, mas que poderia ter existido, talvez dissesse: *“Eles não precisaram aprender a amar. Nunca deixaram de amar.”*

Então olhamos para esse mundo sem queda, e já não vemos somente vazio.

Vemos paz. Uma paz estranha para nós, quase impossível de desejar sem medo, porque não nasce da superação. Nasce da ausência de ruptura.

E isso nos desarma. Porque esse mundo não parece inferior.

Parece sedutor. Profundamente sedutor. Se ele for possível, tudo muda.

A queda deixa de ser necessidade. A traição deixa de ser função. A dor deixa de ser mestra.

E então permanecemos entre dois abismos.

De um lado, o mundo da queda: o nosso. Nele, o homem sofre, erra, aprende, constrói, busca Deus após perdê-lo, ama após ferir, levanta-se após cair. É um mundo de consciência ferida, de memória e retorno.

Do outro, o mundo sem queda. Nele, o homem não se parte, não rompe, não se perde. Mas talvez também jamais desça ao fundo de si para descobrir quem é.

Ou talvez não precise descer.

Porque nunca deixou de ser inteiro.

Qual deles é verdadeiro?

Talvez nenhum. Talvez ambos. Talvez um seja o sonho que perdemos.

E o outro, a ferida pela qual despertamos.

Ou talvez a pergunta mais honesta não seja qual desses mundos poderia existir fora de nós, mas qual deles ainda respira em nós.

Porque há homens que caminham como se nunca tivessem caído.

E há outros que carregam, em silêncio, o peso de todas as quedas anteriores.





Somente Trevas

“Há quedas que revelam, quedas que transformam, mas há quedas que somente apodrecem.”

Até aqui, caminhamos por regiões perigosas. Olhamos para nomes que a tradição condenou, figuras lançadas à sombra, personagens carregados de infâmia. Tentamos ouvir, sob o ruído das sentenças antigas, uma possibilidade mais difícil: *a de que nem toda queda seja somente erro; a de que nem toda traição seja simples desvio; a de que alguns homens, símbolos e lendas talvez tenham carregado uma função obscura dentro de uma engrenagem maior.*

Mas há um limite. E esse limite precisa ser traçado com firmeza.

Seria uma violência contra a verdade transformar todo abismo em mistério. Seria covardia intelectual chamar toda maldade de destino. Seria perversão do símbolo utilizar a linguagem da iniciação para purificar aquilo que nasceu somente da crueldade, da fome de poder, do ódio ou do prazer diante da destruição do outro.

Nem toda queda é sagrada, e nem todo traidor é necessário, e nem todo condenado foi mal compreendido.

Há homens que não descem para revelar a sombra. Descendem porque amam a sombra. Há atos que não rompem o mundo para que algo novo nasça. Rompem somente para ferir, possuir, dominar, humilhar, apagar.

Há uma diferença imensa entre aquele que carrega uma culpa para que outros vivam e aquele que lança culpa sobre inocentes para preservar a si mesmo.

O primeiro perde o nome. O segundo perde a alma.

Por isso, este livro não pode seguir adiante sem deter-se diante das trevas verdadeiras.

Não as trevas simbólicas, necessárias ao contraste da luz. Não a noite iniciática que antecede a aurora. Não o silêncio do templo antes da palavra reencontrada. Mas a treva bruta, estéril, sem mistério e sem redenção: aquela que habita o homem quando ele deixa de reconhecer o outro como irmão.

Porque existem homens que não foram instrumentos de uma passagem. Foram somente feridas abertas no corpo da humanidade.

Ergueram impérios sobre cadáveres e chamaram isso de destino.

Fizeram da política uma máquina de extermínio, da religião um punhal, da ciência uma justificativa para a desumanização, da obediência uma desculpa para o horror.

Destruíram inocências, violaram corpos e almas indefesas. Para esses, não há metáfora que os salve. Não há leitura iniciática que os eleve. Não há função oculta que justifique o irreparável.

Esses não pertencem ao mesmo território de Judas, de Efiltes, de Esquieu, de Prometeu ou de qualquer figura trágica que carregue, ao menos em possibilidade literária, a sombra de uma função.

Esses pertencem ao território da condenação. E é preciso dizer isso sem medo. Há quedas que levam o homem ao fundo de si para que ele compreenda a própria miséria e retorne transformado.

Mas há quedas nas quais o homem desce e, ao descer, arrasta consigo todos aqueles que pôde alcançar.

Há quedas que ferem o próprio nome. E há quedas que devastam o mundo.

A diferença está no fruto.

A queda necessária, por mais dolorosa que seja, deixa atrás de si alguma possibilidade de elevação. Pode deixar sangue, luto, escândalo, mas também deixa consciência, nascimento, passagem, advertência, redenção ou memória.

A queda que é somente treva deixa somente ruína.

Não ensina: contamina. Não abre: devora. Não sacrifica a si mesma: sacrifica os outros. Não aceita a infâmia como preço: utiliza os inocentes como moeda.

Por isso, quando falarmos dos caídos, é preciso perguntar sempre: quem pagou o preço?

Se aquele que caiu pagou com o próprio nome, talvez haja tragédia.

Se fez os outros pagarem por sua queda, há crime.

Se carregou a dor para que algo se cumprisse, talvez haja mistério.

Se distribuiu dor para alimentar seu vazio, há maldade.

Se perdeu a própria honra para proteger algo maior, talvez haja sacrifício.

Se destruiu a honra dos outros para preservar seu prazer ou seu poder, há abominação.

Aqui não se absolve o carrasco. Aqui não se romantiza o predador. Aqui não se cobre de símbolos aquilo que deve permanecer exposto à luz dura da condenação.

Porque a luz também julga. E há nomes que, quando colocados diante dela, não revelam profundidade alguma. Revelam somente decomposição.

A humanidade conheceu esses nomes.

Conheceu-os em campos de morte, em câmaras fechadas, em porões, em palácios, em templos corrompidos, em casas aparentemente comuns.

Conheceu-os na figura do tirano e na figura do monstro privado. Conheceu-os na multidão que obedece sem pensar e no indivíduo que sorri diante da dor alheia.

Talvez essa seja uma das verdades mais difíceis: o mal absoluto nem sempre chega com rosto deformado.

Às vezes chega com uniforme, com discurso, com fé, com inteligência, sentado à mesa, falando baixo, utilizando palavras corretas, enquanto planeja a destruição de alguém que confia nele.

Nem todo monstro parece monstro.

Mas todo monstro deixa, em algum lugar, a marca de ter negado a humanidade do outro.

E esta é a fronteira.

O traidor trágico sofre porque ainda reconhece o sagrado daquilo que fere.

O verdadeiro vilão fere porque já não reconhece sagrado algum.

Judas, em nossa leitura, treme diante do beijo. Efiltes, em nossa hipótese narrativa, sabe que seu nome será enterrado sob a infâmia. Esquieu, na tradição simbólica que o acolhe, aceita desaparecer para que algo invisível sobreviva.

Mas o vilão verdadeiro não treme diante do mal que pratica.

Ou, se treme, não recua. E, se chora, chora por si. Nunca pela vítima.

Aqui está a diferença: O caído necessário carrega uma ferida.

O perverso carrega uma fome. E a fome não é mistério. É abismo sem altar.

Por isso, antes que este livro prossiga, deixemos esta pedra fincada no caminho: nem tudo deve ser reinterpretado.

Nem tudo deve ser resgatado. Nem toda sombra é símbolo.

Algumas sombras são somente ausência de luz. E onde não há luz alguma, não se deve erguer templo, mas acender julgamento.

Porque, se este livro busca compreender os condenados, também deve saber condenar.

Se busca escutar os malditos, também deve distinguir o maldito trágico do maldito verdadeiro.

Se ousa perguntar se alguns traidores foram necessários, deve afirmar, com a mesma coragem, que muitos traidores foram somente traidores.

E que algumas quedas não abriram caminho algum. Somente cavaram sepulturas. Nem toda noite prepara a aurora.

Há noites que existem somente para devorar o dia.



O Resgate

Após olhar para as trevas, é preciso reencontrar a chama.

Não para negar o abismo. Não para fingir que todo mal esconde um mistério. Não para absolver monstros, carrascos ou homens que fizeram da dor alheia alimento para a própria alma.

Mas para lembrar que nem toda sombra é podridão.

Há sombras que devoram e há sombras que guardam sementes.

Este livro precisou deter-se diante dos verdadeiros vilões e dizer: aqui não há símbolo, aqui não há sacrifício, aqui não há grandeza oculta.

Há somente mal. Há somente ruína. Há somente a alma humana apodrecida quando já não reconhece o outro como irmão.

Mas, feita essa distinção, podemos voltar aos condenados trágicos.

Voltar àqueles que não buscaram prazer na queda, mas talvez tenham sido esmagados por ela.

Aos que não traíram para subir, mas caíram para que algo maior permanecesse.

Aos que perderam o próprio nome para que outros recebessem a glória, a redenção, a memória ou o fogo.

Judas diante do **beijo**.

Efialtes diante da **trilha**.

Esquieu diante do **Templo**.

Prometeu diante da **rocha**.

Pandora diante da **caixa**.

Nenhum deles é simples. E talvez seja exatamente por isso que ainda nos inquietam.

Não pedem inocência. Não pedem estátuas.

Não pedem que esqueçamos a dor que nasceu de seus gestos.

Pedem somente que a sentença não venha antes da compreensão.

Porque há quedas que são crimes.

Há quedas que são fome, vaidade, prazer e destruição.

Mas há outras que parecem carregar, no fundo da noite, uma semente de aurora.

É para essas que este livro retorna.

Com menos certeza do que antes. Mas com mais verdade.

Pois agora sabemos: nem todo abismo é templo, mas alguns caminhos para a luz começam no escuro.

Existem nomes que a história chamou de traidores, e são somente homens deixados na sombra para que outros pudessem permanecer iluminados.



Os Portadores da Chama

Nem todos os condenados foram traidores.

Alguns não beijaram no escuro. Não revelaram trilhas secretas. Não entregaram irmãos ao inimigo. Não ergueram a mão contra o templo.

Alguns somente viram antes, e isso bastou para que fossem temidos.

Porque há homens que não caem por desvio, nem por função obscura, nem por traição necessária e caem aos olhos do mundo porque carregam uma luz que chega cedo demais.

O mundo teme o traidor porque ele rompe a confiança.

Mas teme ainda mais o visionário, porque ele rompe a ignorância.

O primeiro fere uma ordem. O segundo revela que a ordem era incompleta.

E talvez por isso a história tenha tratado tantos portadores de luz como ameaça.

O primeiro médico que abriu um corpo para compreender a vida deve ter parecido profanador. Onde outros viam mistério intocável, ele viu pergunta. Onde outros viam tabu, viu caminho.

Talvez suas mãos, sujas de sangue, tenham sido olhadas com horror por aqueles que não percebiam que, nelas, começava uma forma nova de misericórdia.

Porque curar, no início, deve ter parecido quase insolência.

Quem era o homem para tocar a doença?

Quem era o homem para interrogar a morte?

Quem era o homem para disputar com os deuses o destino dos corpos?

E, sem esses primeiros profanadores da carne sagrada, quantos teriam morrido em silêncio?

Quantas mães? Quantos filhos? Quantos velhos?

Quantos feridos teriam sido deixados à própria febre, enquanto os homens rezavam sem ainda saber que a prece também podia vestir a forma de uma lâmina limpa, de uma erva estudada, de uma mão que aprende?

Depois vieram os que olharam para o céu.

Homens que se recusaram a aceitar que a aparência fosse a última verdade. Disseram que a Terra se movia, que as estrelas obedeciam a leis, que a matéria guardava segredos, que a natureza não era caos, mas linguagem.

Foram chamados de perigosos. E talvez fossem.

Toda verdade é perigosa quando chega antes da maturidade.

Sócrates foi condenado não porque ignorava, mas porque perguntava. E há perguntas que uma cidade tolera menos que crimes. O criminoso ameaça o corpo da ordem; o pensador ameaça sua alma.

Sócrates não trouxe espada. Trouxe dúvida.

E a dúvida, quando é verdadeira, abre fendas onde a autoridade gostaria de conservar paredes.

Galileu apontou o céu e permitiu que o olhar corrigisse a tradição.

Bruno imaginou um universo vasto demais para as paredes de sua época.

Curie tocou uma luz invisível escondida na matéria.

Einstein revelou que tempo, espaço e energia eram mais estranhos do que o homem supunha.

E então veio *Oppenheimer*. Com ele, o fogo de Prometeu retornou sem inocência.

Já não aquecia somente a caverna. Podia incendiar o mundo.

O visionário moderno não teme somente não compreender os deuses. Teme compreender demais.

Porque toda chama traz duas promessas: iluminar e consumir.

A medicina pode cortar e salvar.

A ciência pode curar e matar.

A palavra pode libertar e enlouquecer.

A energia pode iluminar cidades ou reduzi-las a cinzas.

Esses homens não foram traidores, mas foram temidos como se fossem, e porque há uma forma de luz que, antes de iluminar, fere os olhos.

E há homens que o mundo só chama de grandes após ter passado anos, às vezes séculos, tentando sobreviver ao brilho que trouxeram.

O problema talvez nunca tenha sido o fogo.

Mas a mão que o recebe.





Tarde Demais

Há uma outra família de condenados. Não são traidores. Não são carrascos. Não são monstros. Não são profetas armados de fogo.

São os que ofereceram ao mundo beleza, pensamento, música, palavra ou visão, e partiram sem receber quase nada em troca.

Homens e mulheres que pareceram esquecidos, ridicularizados, doentes, solitários ou incompreendidos.

Não porque faltasse grandeza neles, mas porque faltava grandeza no olhar do seu tempo.

O mundo, muitas vezes, não mata seus gênios com fogueiras, mas com silêncio, indiferença, miséria e esquecimento.

Mata com frases pequenas, cruéis, definitivas: *“isso não vale nada.” “você não vale nada.” “você jogou sua vida fora.” “isso não mudará nada.”...*

E talvez não haja ironia mais amarga do que esta: aquilo que o mundo rejeitou quando ainda respirava diante dele, mais tarde passa a proteger em museus, vender por fortunas, estudar em universidades e venerar como se sempre tivesse sabido.

Van Gogh é o rosto mais doloroso dessa linhagem.

Viveu entre crises, pobreza e solidão. Vendeu pouco, quase nada, enquanto estava vivo. Pintava como quem tentava salvar a própria alma com cor. Onde outros viam campos, ele via incêndios amarelos. Onde outros viam noites, ele via estrelas girando como orações. Onde outros viam rostos cansados, ele via a dignidade silenciosa dos humildes.

Morreu sem conhecer a glória que depois cairia sobre seu nome.

Hoje, suas telas são disputadas como relíquias.

Valem fortunas que ele jamais imaginou enquanto tinha fome.

Quanto valia Van Gogh quando ainda tinha fome? Quanto valia sua mão quando ainda tremia? Quanto valia sua alma antes que o mundo descobrisse sua luz?

Ele não mudou o mundo pela força. Mudou pela visão.

Abriu uma porta para uma pintura que não queria somente representar o visível, mas revelar o modo como o visível sangra no espírito.

Sem Van Gogh, talvez ainda houvesse girassóis.

Mas não saberíamos que eles podiam parecer pequenos sóis tentando sobreviver num vaso.

São nomes que não carregam a infâmia de Judas, nem a sombra de Efilates, nem o fogo terrível de Oppenheimer.

Carregam outra cruz: a de terem sido invisíveis enquanto estavam vivos. E talvez essa invisibilidade seja uma das formas mais cruéis de julgamento.

Porque o traidor ao menos é lembrado pelo ódio. O vilão é lembrado pelo horror. O herói é lembrado pela glória.

Mas o gênio ignorado atravessa a vida como se falasse diante de uma sala vazia.

Só depois, quando sua voz já não pode responder, o mundo se aproxima e diz: “Agora compreendemos.”

Tarde Demais!

TANTOS OUTROS QUE SÓ TIVERAM RECONHECIMENTO E FAMA APÓS A SUA MORTE

"O mundo raramente reconhece a luz enquanto ela ainda está viva."

ARTISTAS E ESCRITORES



VAN GOGH
Pintor holandês.
Vendeu apenas
1 quadro em vida.



KAFKA
Escritor tcheco.
Pediú que seus
manuscritos
fossem queimados.



**EMILY
DICKINSON**
Poetisa americana.
Publicou pouquíssimo
em vida.



**FERNANDO
PESSOA**
Poeta português.
Publicou pouco e
morreu quase
desconhecido.



**CAMILLE
CLAUDEL**
Escultora francesa.
Viveu à sombra de
seu mestre e morreu
esquecida.



**EDGAR
ALLAN POE**
Escritor americano.
Morreu pobre e
com dificuldades.



SCHUBERT
Compositor austríaco.
Morreu na pobreza,
sem reconhecimento
de sua música.



MODIGLIANI
Pintor italiano.
Viveu na miséria,
morreu jovem e
esquecido.



**JOHN KENNEDY
TOOLE**
Escritor americano.
Seu único livro foi
publicado após seu
suicídio.



**ROBERT
JOHNSON**
Músico de blues.
Morreu pobre;
sua lenda cresceu
décadas depois.



**ANTONIN
ARTAUD**
Poeta e dramaturgo
francês. Incompreendido
em vida.



TCHAIKOVSKY
Compositor russo.
Suas obras só foram
valorizadas após
sua morte.



**HENRI
ROUSSEAU**
Pintor francês.
Chamado de ingênuo
em vida, hoje
admirado.



**SYLVIA
PLATH**
Poetisa americana.
Morreu jovem;
sua obra floresceu
depois.



**J.D.
SALINGER**
Escritor americano.
Quase não publicou
em vida.



**VIRGINIA
WOOLF**
Escritora inglesa.
Reconhecida como
gênio só após
décadas.

BRASILEIROS



LIMA BARRETO
Escritor.
Morreu pobre e
esquecido.



**ÁLVARO DE
CAMPOS**
Poeta (heterônimo
de Pessoa).
Incompreendido.



**CAROLINA
MARIA DE JESUS**
Escritora.
Descoberta após
muita luta.



**CÂNDIDO
PORTINARI**
Pintor.
Reconhecimento
internacional só
mais tarde.



NOEL ROSA
Compositor.
Morreu jovem e
quase esquecido
na época.



GONZAGUINHA
Músico.
Seu valor foi
reconhecido anos
depois.



HILDA HILST
Escritora.
Reconhecida tardiamente
como uma das maiores
vozes do país.



**EVARISTO DE
MORAES**
Poeta.
Morreu na pobreza;
sua obra se eternizou.

SANTOS E BEATOS



**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**
Renunciou riquezas.
Foi incompreendido
em sua época.



**SANTA TEREZINHA
DO MENINO JESUS**
Morreu aos 24 anos.
Reconhecida como
grande santa depois.



**SÃO JOÃO
DA CRUZ**
Poeta e místico.
Perseguido em vida.
Honrado após
sua morte.



**SÃO DAMIÃO
DE MOLOKAI**
Missionário entre os
leprosos. Morreu
esquecido; hoje é
exemplo de caridade.



**SANTA
FAUSTINA**
Religiosa.
Sua missão foi
reconhecida anos
depois.



**SÃO PADRE
PIO DE PIETRELICINA**
Estigmatizado e
incompreendido.
Tornou-se um dos
mais amados.



**SÃO MAXIMILIANO
KOLBE**
Morreu em Auschwitz
por amor a outro
prisioneiro.
Canonizado depois.



**SANTA CLARA
DE MONTEFALCO**
Visionária.
Desconhecida fora
de seu pequeno
círculo em vida.

A grandeza verdadeira não precisa de aplausos para existir.
Mas precisa de olhos para ser reconhecida.

"RECONHEÇA ENQUANTO PODE.

NEM SEMPRE O MUNDO TEM TEMPO PARA DIZER: TARDE DEMAIS.

Talvez não falte
luz ao mundo.
Talvez faltem
olhos.

Seguimos perdendo
tesouros vivos enquanto
compramos relíquias mortas.

Depois que morrem,
erguemos museus.
Depois que sangram,
escrevemos livros.
Depois que são queimados,
chamamos de mártires.
Depois que são crucificados,
ajoelhamos-nos diante da cruz.

Quantos Van Goghs
ainda pintam no silêncio?

Quantos Cristos
ainda passam pela rua
sem que ninguém
lhes lave os pés?

Porque o julgamento
da humanidade não se dará
apenas pelo que fizemos
aos grandes nomes da história.

Mas pelo que fazemos,
todos os dias,
aos invisíveis
que ainda não tiveram tempo
de se tornar sagrados.





O Que Faremos da Luz?

No princípio, perguntamos se toda queda era erro.

Agora, após atravessar nomes condenados, símbolos partidos, traidores possíveis, mártires tardios e homens que carregaram luz antes que o mundo tivesse olhos, a pergunta retorna.

Mas já não retorna como teoria. Retorna como espelho.

Os homens continuam a nascer; continuam a amar, mentir, prometer, esquecer, rezar e ferir; continuam erguendo casas sobre ruínas antigas, chamando de progresso aquilo que muitas vezes é somente pressa, chamando de liberdade aquilo que, em silêncio, os aprisiona.

A queda deixou de ser episódio.

Tornou-se herança.

Não está somente no céu perdido de Lúcifer, nem no jardim abandonado de Adão, nem no beijo de Judas, nem na trilha revelada de Efiltes, nem na sombra templária de Esquieu.

Está aqui.

Na mão que toca sem presença. Na palavra que fere sem necessidade. No olhar que atravessa o outro sem vê-lo. Na fé que esquece o amor. Na inteligência que perde a compaixão.

Na luz que já não ilumina, somente cega.

Talvez Lúcifer, olhando para o mundo, encontre algo mais terrível que sua própria queda: homens que descem sem perceber que descem.

Homens que já não temem o abismo porque fizeram dele paisagem.

Adão talvez contemple seus filhos e não reconheça mais o jardim. A terra, que lhe fora dada como morada, tornou-se disputa. As águas adoecem. As florestas caem. Os animais, irmãos silenciosos da criação, foram reduzidos a recurso.

E o homem, chamado a cultivar e guardar, aprendeu antes a possuir.

Judas talvez veja templos erguidos ao nome daquele que entregou, e pergunte onde ficou o mandamento mais simples.

Porque muitos aprenderam a dobrar os joelhos, mas não aprenderam a inclinar o coração.

Muitos beijam Cristo todos os dias enquanto o traem no rosto dos irmãos.

E nós? Nós, que herdamos a luz e a queda.

Nunca soubemos tanto. Nunca tivemos tantas vozes, imagens, caminhos, mapas e respostas ao alcance das mãos. Ainda assim, talvez nunca tenhamos compreendido tão pouco o que fazer com tanto saber.

O homem moderno carrega bibliotecas no bolso e vazios no peito. Fala com muitos e escuta poucos. Vê tudo e contempla quase nada. Produz, compara, deseja, compra, descarta, responde, corre. E, quando a noite finalmente o alcança, descobre-se muitas vezes longe da natureza, longe dos outros, longe de Deus, longe de si.

Talvez todas as épocas tenham pensado estar à beira do fim.

Mas seria covardia negar os sinais.

Há algo em nós que se distrai enquanto se perde.

Há algo em nós que chama de intensidade aquilo que já não é sentido, e de movimento aquilo que já não tem direção.

E então a pergunta, a mais antiga de todas, deixa de pertencer aos mortos e vem bater à nossa porta: *como viver?*

Não somente existir. Não somente atravessar os anos acumulando provas de passagem. Mas viver.

Viver como quem sabe que o jardim pode ser perdido.

Que o irmão pode ser perdido.

Que a palavra pode ser perdida.

Que a fé pode ser perdida.

Que a própria vida pode passar diante de nós sem termos realmente estado nela.

Talvez essa seja a verdadeira herança da queda: não a condenação eterna, mas a consciência de que tudo aquilo que não cuidamos pode desaparecer.

A queda ainda ensina.



Ensina que o amor precisa ser escolhido antes que se torne lembrança.

Que o próximo precisa ser visto antes que se torne ausência.

Que o mundo precisa ser guardado antes que se torne deserto.

Que a palavra precisa ser medida antes que se torne ferida.

Que a luz precisa ser protegida antes que se apague em nós.

E talvez todos os nomes que atravessaram estas páginas não estejam aqui para serem absolvidos. Nem para serem condenados outra vez. Talvez estejam aqui, em silêncio, à porta da nossa consciência.

***Lúcifer** com sua luz ferida. **Adão** com o jardim perdido. **Judas** com o beijo impossível. **Efialtes** com a trilha na sombra. **Esquieu** com o nome entregue à infâmia. **Prometeu** com o fogo. **Pandora** com o jarro. **Caim** com o sangue. **Van Gogh** com seus girassóis tardios.*

E todos os invisíveis que ainda caminham ao nosso lado sem que lhes lavemos os pés.

Não perguntam mais o que fizeram deles. Perguntam o que faremos de nós.

O que faremos com a luz que recebemos? O que faremos com a queda que herdamos? O que faremos com o tempo que ainda resta?

Porque nem toda queda é erro. Algumas são passagem.

Mas nenhuma passagem nos isenta da pergunta final: *após cair, o que faremos da luz?*

O mundo continuará a girar. As manhãs continuarão vindo.

Outros homens nascerão, amarão, mentirão, construirão, destruirão, rezarão e ferirão.

Mas nós não estaremos aqui para sempre.

E quando a nossa hora chegar, talvez não sejamos julgados somente pelas quedas que sofremos.

Mas pela luz que ainda conseguimos guardar enquanto atravessávamos a noite.





Bibliografia

- AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALTER, Robert. The Five Books of Moses: A Translation with Commentary. New York: W. W. Norton, 2004.
- BARBER, Malcolm. The New Knighthood: A History of the Order of the Temple. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLOCH, Marc. Apologia da história. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOUCHER, Jules. A simbólica maçônica. Pensamento, 2011.
- BROWN, Raymond E. An Introduction to the New Testament. New York: Doubleday, 1997.
- CAMUS, Albert. O homem revoltado. Record, 2017.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Pensamento, 2007.
- DELLAZZANA, Flávio. As Ordens de Cavalaria: a luz da fé e o fogo da espada. 1. ed. Clube de Autores, 2025.
- DEMURGER, Alain. The Last Templar: The Tragedy of Jacques de Molay. London: Profile Books, 2004.
- EHRMAN, Bart D. Lost Christianities: The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Martins Fontes, 1992.
- ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. São Paulo: Editora 34, 2005.
- FORSYTH, Neil. The Old Enemy: Satan and the Combat Myth. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- GIRARD, René. A violência e o sagrado. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GRAVES, Robert. The Greek Myths. London: Penguin Books, 1955.

- HERÓDOTO. Histórias. Brasília: Editora UnB, 1985.
- HESÍODO. Teogonia. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- JONAS, Hans. The Gnostic Religion. Boston: Beacon Press, 1958.
- KASSER, Rodolphe. The Gospel of Judas. Washington, D.C.: National Geographic, 2006.
- KUGEL, James L. The Bible as It Was. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Editora Unicamp, 1990.
- MACKEY, Albert G. Encyclopedia of Freemasonry. Chicago: Masonic History Company, 1921.
- PAGELS, Elaine; KING, Karen L. Reading Judas: The Gospel of Judas and the Shaping of Christianity. New York: Viking, 2007.
- PARTNER, Peter. The Murdered Magicians: The Templars and Their Myth. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- PIKE, Albert. Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry. Charleston: Supreme Council, 1871.
- ROBINSON, James M. The Nag Hammadi Library in English. San Francisco: Harper & Row, 1977.
- RODRIX, Zé. Diário de um construtor do templo. São Paulo: Nova Fronteira, 2007.
- RODRIX, Zé. Esquin de Floyrac: o fim do Templo. São Paulo: Nova Fronteira, 2007.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. The Devil: Perceptions of Evil from Antiquity to Primitive Christianity. Cornell University Press, 1977.
- STEVENSON, David. The Origins of Freemasonry: Scotland's Century, 1590–1710. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- VAN GOGH, Vincent. Cartas a Theo. Porto Alegre: L&PM, 2002.





Flávio Dellazzana - Stonehenge - Circulo Interno
Planície de Salisbury, Inglaterra - 2023

Flávio Dellazzana nasceu em Chapecó, Santa Catarina, e cresceu em Itapema, no litoral catarinense. Formou-se em Ciências da Computação em 2000, atuou profissionalmente como DBA Oracle e, posteriormente, seguiu carreira como corretor de imóveis, experiência que ampliou seu contato direto com pessoas, histórias, escolhas, perdas, conquistas e projetos de vida.

Filho de Rosinha, que lhe transmitiu desde cedo o respeito pelas tradições judaicas, pela história de Israel e pela força espiritual da memória, e de um pai médico, de quem herdou a atenção à fragilidade humana, à dor, à cura e ao mistério do corpo, Flávio cresceu entre duas formas complementares de conhecimento: a tradição que preserva o sentido e a ciência que procura aliviar o sofrimento.

Essa dupla herança, espiritual e humana, simbólica e concreta, atravessa sua escrita. De um lado, a escuta dos textos sagrados, das narrativas antigas, dos nomes preservados pela memória e das perguntas que atravessam os séculos. De outro lado, a consciência de que todo símbolo, por mais elevado que seja, precisa tocar a vida real, a carne, a dor, a morte, a esperança e a cura.

Autor, pesquisador e estudioso da Maçonaria, das tradições iniciáticas e da história simbólica do Ocidente, iniciou sua trajetória maçônica em 2002.

Desde então, desenvolveu um percurso contínuo de estudo, formação, revisão ritualística, produção intelectual e transmissão responsável do conhecimento iniciático.

Ao longo de mais de duas décadas, sua atuação atravessou diferentes ritos e sistemas filosóficos, com especial dedicação ao Rito Adonhiramita, ao Rito de York, ao Real Arco, aos Graus Crípticos, às Ordens de Cavalaria, ao Rito Escocês Antigo e Aceito e a outras vertentes da tradição maçônica e paramaçônica. Participou da fundação de Lojas, da elaboração, tradução, adaptação e revisão de manuais ritualísticos, da formação de obreiros e de iniciativas voltadas à consolidação de uma linguagem ritual clara, fiel às fontes e acessível aos buscadores sinceros.

Sua formação em Maçonologia, História e Filosofia reforça uma vocação intelectual voltada à compreensão das tradições não como relíquias imóveis do passado, mas como linguagens vivas, capazes de iluminar as inquietações do presente. A essa formação soma-se o interesse permanente pela história, pelas viagens e pelos lugares onde pedra, rito, mito e memória ainda parecem conversar com o homem atento.

Como escritor, Flávio Dellazzana tem publicado obras dedicadas à Maçonaria, seus ritos, graus, instituições, símbolos e desdobramentos históricos.

Seus livros procuram unir rigor, clareza e densidade interpretativa, tratando temas complexos sem obscurecê-los e aproximando o leitor da tradição sem reduzi-la à repetição vazia.

Ao seu lado está Letícia Liberato, sua esposa, chefe de cozinha e cantora de ópera, presença essencial em sua vida e em sua obra. Sem seu apoio, sua paciência, sua sensibilidade e sua força silenciosa, muito do que foi escrito talvez jamais tivesse encontrado forma. Ao lado dela, também está Broadway, sua border collie, companheira fiel das horas de escrita, presença afetuosa nos dias de estudo, silêncio e criação.

Neste livro, sua investigação se desloca para uma fronteira mais ampla: a dos nomes condenados, das figuras caídas, dos traidores, rebeldes, visionários e incompreendidos que a história, a religião e o mito lançaram à sombra. Sem pretender absolver o mal nem substituir a história pela fantasia, o autor propõe uma leitura literária, iniciática e filosófica sobre a queda, a infâmia, o sacrifício e o papel oculto de certos personagens na construção da consciência humana.

Sua escrita nasce dessa tensão entre método e símbolo, tradição e pergunta, ciência e mistério, reverência e inquietação, memória e abismo. Não busca respostas fáceis e sim profundidade.



No tribunal do mundo, foram
chamados traidores;
no tribunal do tempo,
revelar-se-ão mártires.

Porque, muitas vezes, os esquecidos
e os desprezados
são os que mais silenciosamente
sustentam a verdade.